



INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP

HOMENAGEM

JOÃO ALEXANDRE BARBOSA

ANTONIO CANDIDO

Conheci João Alexandre Barbosa em julho de 1961, no 2º Congresso de Crítica e História Literária, realizado na Faculdade de Filosofia de Assis.

Fiquei surpreso ao saber que tinha apenas vinte e três anos. Parecia mais, não apenas devido ao aspecto maduro, reforçado pela voz grave de barítono, mas devido à maturidade intelectual, que logo percebi. Tempos depois soube que tinha ido ensinar na renovadora Universidade de Brasília, organizada por Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro. Em 1965, estando como professor em Paris, fui informado de que tinha sido demitido com muitos outros que, como ele, contrariavam a orientação da ditadura militar reinante. Eu conhecia o reitor e lhe mandei uma mensagem de protesto, destacando três excluídos de minhas relações: Paulo Emílio Salles Gomes, João Alexandre e um terceiro que não consigo lembrar quem seja.

Voltei ao Brasil em 1966 e em 1968 recebi carta de João Alexandre comunicando que decidira vir morar em São Paulo, o que fez num ato de coragem, pois não tinha ocupação garantida. Procurei ajudá-lo a colocar-se na equipe de produção de uma das coleções da Editora Abril, com a qual eu tinha naquele momento alguns contactos, mas não deu certo. Felizmente, dali a pouco abriu-se a possibilidade de trazê-lo para a nossa Faculdade e ele veio a meu convite, com o assentimento dos companheiros, trabalhar conosco no setor de Teoria Literária e Literatura Comparada, no qual ensinou até a sua aposentadoria em 1993.

João Alexandre pode ser considerado um universitário completo que, além de crítico de qualidade, com produção que o situa na primeira plana do gênero, era excelente professor, desses que sabem transmitir a matéria com base na mais sólida informação, mas sem a nebulosidade frequente no meio acadêmico, graças a uma fluência clara que prendia o auditório e estimulava o estudante a prosseguir por conta própria. “É o guru”, me disse há muitos anos uma aluna brilhante, mais tarde escritora e docente universitária de valor.

O seu perfil se completava pela disposição de militar na vida administrativa da Universidade, o que o levou a ser diretor de faculdade e pró-reitor, com atuação exemplar nos dois casos. Mas creio que neste terreno a sua contribuição maior foi a direção da EDUSP, que soube transformar em editora de qualidade, - moderna, flexível, eficiente, despida de compromissos com a rotina. Juntando todos esses traços, concluo que foi um professor verdadeiramente emérito e lamento que não tenha ocupado a Reitoria, pois com a capacidade de trabalho, a dedicação institucional e o competente discernimento que o caracterizavam teria sido um grande reitor.

Antonio Candido

Antonio Candido

Sumário

HOMENAGEM	
<i>JOÃO ALEXANDRE BARBOSA</i>	1
ANTONIO CANDIDO	
<i>SAUDADE DO JOÃO</i>	2
LIGIA CHIAPPINI MORAES LEITE	
<i>AO MESTRE E AMIGO ALBERT AUDUBERT</i>	3
ITALO CARONI	
<i>USP AUDUBERT</i>	4
RODOLFO ILARI	
EVENTOS	5
<i>SEMINÁRIO EM HOMENAGEM A GILDA DE MELLO E SOUZA</i>	5
<i>JORNADA ALFREDO BOSI: CULTURA E RESISTÊNCIA</i>	6
<i>UM PROFESSOR QUE ENSINAVA A PENSAR</i>	7
<i>A UNIVERSIDADE ABERTA AO ENSINO MÉDIO</i>	8
ARTIGO	12
Llegado ético de Fernando Pessoa	12
LILIAN JACOTO	
ENTREVISTA	14
<i>PROFESSORA MARIA LUIZA MARCILIO</i>	14
ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO	18
<i>ALUNOS VOLUNTÁRIOS DA FFLCH REINICIAM ATIVIDADES JUNTO AO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO</i>	18
ASSISTÊNCIA ACADÊMICA	19
<i>SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA AO ENSINO DE GRADUAÇÃO E COMISSÃO DE GRADUAÇÃO E ESTÁGIOS</i>	21
<i>SERVIÇO DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO E SEÇÃO DE ALUNOS</i>	23
<i>SETOR DE APOIO AOS EX-ALUNOS</i>	25
<i>SERVIÇO DE PÓS-GRADUAÇÃO</i>	25
<i>COMISSÃO DE CULTURA E EXTENSÃO (CCEX) E SERVIÇO DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA</i>	26
<i>COMISSÃO DE PESQUISA</i>	28
<i>SEÇÃO DE APOIO ACADÊMICO</i>	29
DOUTORADOS	30
MESTRADOS	31
PRODUÇÃO DA FACULDADE	36

SAUDADE DO JOÃO

LIGIA CHIAPPINI MORAES LEITE

Fui colega e amiga de João Alexandre Barbosa por muitos anos e ainda estou muito chocada com sua morte repentina, para escrever algo que tenha um caráter mais analítico. Haveria muito que dizer sobre sua eficiente e generosa atuação de professor, sobre o paciente e arguto estudioso de José Veríssimo, Augusto Meyer, Antonio Candido, sobre o grande leitor de poesia, que circulava à vontade pela obra de João Cabral, Murilo Mendes, Valéry, Mallarmé e muitos outros, lendo e relendo em busca do sentido arisco da forma poética. E, mais recentemente, sobre a capacidade de renovar-se, escrevendo sobre os jovens narradores brasileiros alguns breves textos que vão ficar como referência obrigatória e um convite irrecusável a novas leituras e novas descobertas. Haveria muito que dizer sobre sua paixão crítica, mas também sobre o intelectual empreendedor que pôs de pé o Projeto Nascente, como pró-Reitor de Extensão da USP e deu nova vida à EDUSP, como seu diretor.

Tudo isso, porém, irá aparecendo melhor à medida que sobretudo as pessoas que com ele conviveram, trabalharam e estudaram ou os muitos leitores que conquistou ao longo de sua carreira, puderem escrever sobre sua vida e sua obra com mais objetividade.

O que eu posso dizer aqui é da minha saudade e da sensação de perda maior ainda quando me dou conta que, pela distância que nos separou nos 10 últimos anos, desde que vim para a Alemanha, tive poucas oportunidades de voltar a usufruir do grande contador de histórias que ele era. Daquele modo tranquilo e pausado de narrar, saboreando numa fala entrecortada de riso, suas anedotas nordestinas e outras.

João Alexandre não foi feliz nos últimos anos de sua vida, atingido no que tinha de mais caro, por um duro golpe: a doença da filha querida. Mesmo assim, não de-

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

REITORA:
Prof. Dra. Suely Vilela
VICE-REITOR:
Prof. Dr. Franco Maria Lajolo
DIRETOR:
Prof. Dr. Gabriel Cohn
VICE-DIRETORA:
Prof. Dra. Sandra Margarida Nitri

COMITÊ EDITORIAL DO INFORME: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitri (DTLLC), Prof. Dr. Gabriel Cohn (DCP), Prof. Dr. Pablo Ruben Mariconda (DF), Profa. Dra. Zilda Márcia Gricoli Iokóí (DH), Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão (DL), Prof. Dr. Flávio Wolf de Aguiar (DLCV) e Sra. Eliana Bento da S. A. Barros (AÇÃO) - Membro Assessor. **SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL:** Eliana Bento da Silva Amatuzzi Barros - MTb 35814. **COORDENAÇÃO:** Dorli Hiroko Yamaoka - MTb 35815, **PROJETO GRÁFICO:** Dorli Hiroko Yamaoka, Erbert A. Silva - MTb 35870. **DIAGRAMAÇÃO:** Dorli Hiroko Yamaoka. **COLABORADORES:** Aline Vicente Miguel, Daniela Yoko Taminato, Monique Fonseca Carvalho e Verônica Reis Cristo. **REVISÃO:** Verônica Reis Cristo. **SERVIÇO DE ARTES GRÁFICAS:** João Fernando Querido Salgado. **IMPRESSÃO:** Gráfica - FFLCH/USP. **TIRAGEM:** 1500 exemplares.

sanimou, indo além das suas forças para ajudá-la a viver. Pois, se pela literatura ele tinha uma paixão crítica, pela família tinha uma paixão sem adjetivos.

O que eu queria lembrar aqui, se não me faltassem as palavras que a tristeza embarga, é a afetividade com que me recebeu na última vez que fui visitá-los, a serenidade digna com que narrou seu sofrimento, o orgulho com que me mostrou a foto da netinha, o interesse com

que me ouviu e a solicitude com que me acompanhou até a rua, recomendando-me ao taxista. Apesar de tudo, o mesmo João dos tempos da nossa convivência cotidiana no velho e complicado Departamento de Linguística e Línguas Orientais, que ele tantas vezes dirigiu, pacientemente buscando o consenso. O mesmo João, do qual muitas vezes discordei, com o qual muitas vezes discuti, mas pelo qual nunca perdi o respeito e o carinho.

AO MESTRE E AMIGO ALBERT AUDUBERT

ITALO CARONI

PROF. TITULAR DE LÍNGUA E LITERATURA FRANCESA

O súbito falecimento do professor Albert Audubert veio consternar todos aqueles que o conheceram, com ele batalharam pelo ensino do francês no Brasil, compartilharam do seu entusiasmo profissional e puderam apreciar suas virtudes pessoais. É uma grande perda para nós todos!

Albert Audubert surgiu, entre nós, num momento de transição histórica dos estudos franceses. Os primeiros tempos tinham sido marcados por uma postura ideológica e pedagógica que tomava o autóctone como um francês estudando francês na França. Sem dúvida alguma, muito ganhamos com esta tendência formadora. Várias gerações aprenderam, na essência, os rigores do racionalismo didático francês e enriqueceram sua cultura profissional e pessoal através do conhecimento dos variados matizes da cultura francesa.

Uma mudança de rumo veio a esboçar-se a partir dos anos sessenta do século passado. O mundo cultural monolítico começou então a esfacelar-se, prelúdio do hoje tão decantado multiculturalismo. As culturas, embutidas nos tradicionais blocos em aparência homogêneos, explodiram para ater-se à francesa, basta lembrar o aparecimento da francofonia. De repente, descobriu-se que outros povos, locutores do idioma francês mas portadores de culturas bem diferentes, espalham-se mundo a fora. Um deles, nativo da Guiana Francesa, é até nosso vizinho.

Nesse contexto, nosso novo colaborador, recém chegado depois de uma curta passagem pelo Rio Grande do Sul, começa suas atividades junto à cadeira de língua e literatura francesa, da qual foi regente. Um trabalho árduo e eficiente em todas as suas frentes. Praticante convicto dos estudos contrastivos, orientou desde o início seus cursos para o confronto entre o francês e o português. Sua enorme curiosidade pelo Brasil e pelas nuances popular e erudita de nosso linguajar deram-lhe

o respaldo necessário para pesquisas desta natureza. Assim foi-lhe possível, em 1967, publicar **Do português para o francês**, livro fundamental no ensino universitário do francês, muito útil para uma boa compreensão gramatical das duas línguas e cuja originalidade não escapou ao também saudoso professor Isaac Nicolau Salum, em sua apresentação da obra. Diversos outros textos e artigos de sua autoria atestam a constante preocupação com nosso idioma, literário ou até em sua vertente de gíria.

Da mesma forma como associou ao ensino do francês a expressão lingüística nativa, deu voz a um grupo de jovens colaboradores brasileiros, num proveitoso trabalho de equipe. Usou suas prerrogativas de comandante para colocar os colaboradores em destaque, confiando-lhes tarefas de responsabilidade, encorajando pesquisas, obtendo bolsas de estudo na França ou indicando para o exercício de "leitorado" em universidades francesas. Citar nomes é sempre arriscado, mas não é fácil esquecer a tropa de choque inicial, da qual me honra ter feito parte: Maria de Lourdes Rodrigues (que ele considerava o "esteio" da cadeira), Hilda W. S. Dias, Mário Laranjeira, Maria Sabina Kundman, Nina A. M. Miyaki. Com a maior naturalidade também, transmitiu a regência da cadeira para um não francês, Victor de Almeida Ramos (colega prematuramente desaparecido). Por outro lado, não deixou de prestigiar os especialistas franceses, que continuou ajudando a trazer como colaboradores indispensáveis a uma necessária sintonia com as correntes mais avançadas da crítica literária, da pesquisa lingüística e da metodologia didática. Para tanto, deu maior amplitude às atividades do Centro de Estudos Franceses, estrutura que julgou estratégico revigorar em anexo à tradicional cadeira.

Com o mesmo afincamento, tentou sempre obter recursos dos serviços administrativos franceses para nos disponibilizar

um precioso material bibliográfico e modernos recursos técnicos. Justamente, eclodia na época a voga dos métodos audio-visuais. E, graças ao empenho do professor Audubert, a FFLCH da USP pôde contar naquela época com o seu primeiro e pioneiro Laboratório de Línguas.

Sua ação extrapolou porém os limites da nossa instituição universitária. Foi ele, entre os docentes estrangeiros, quem mais apoiou a APFESP/Associação dos Professores de Francês do Estado de São Paulo. Iniciativa muito oportuna quando existia ainda um bom contingente de professores de francês na rede estadual de ensino. Numerosos estágios foram organizados para socorrer localmente um professorado carente. Na mesma linha, procurou-se montar programas de incentivo à participação em estágios na França. Com sua ajuda, a APFESP teve bastante facilitada sua missão de dar um novo impulso aos estudos franceses.

O relato de suas realizações profissionais poderia estender-se bem mais ainda. Elas deixaram marcas duradouras, tanto no domínio de uma docência universitária responsável e eficiente quanto naquele do estreitamento de relações institucionais e culturais entre

a França e o Brasil. Numerosos são os alunos e colaboradores que se lembrarão disso com reconhecimento.

Tampouco se apagará de nossa memória a lembrança do homem Albert Audubert. Com sua aparente feição de zangado, ele com certeza impressionou ou amedrontou muitos alunos que não tinham como compreender que tudo era um jogo e que, por trás de uma falsa figura de truculência, se escondia o mais generoso dos amigos. Sempre disposto a ajudar, sempre entusiasta e otimista nos contatos pessoais mais íntimos e descontraídos. E sempre divertido, afinal de contas.

Cada um de nós guardará, no fundo do coração, a lembrança de uma palavra gentil, de uma atitude generosa, de uma situação engraçada, enfim dos momentos agradáveis que a todos ele soube propiciar do modo mais espontâneo.

Muitos de nós não tivemos a ocasião de dizer-lhe algumas palavras de afeto, naqueles derradeiros momentos de resistência à doença que acabaria por levá-lo de nosso convívio. Que este texto possa testemunhar agora a solidariedade e o conforto que gostaríamos de ter-lhe testemunhado de viva voz!

USP AUDUBERT

RODOLFO ILARI

PROFESSOR DA UNICAMP E EX-ALUNO DA FFLCH

Depois de uma luta de anos contra graves problemas de saúde, o Prof. Albert Audubert finalmente nos deixou. Recebemos a notícia de seu falecimento quando ele já estava repousando no pequeno cemitério da cidadezinha francesa de que foi prefeito, La Chapelle-aux-Saints, Departamento da Corrèze, Sudoeste da França.

O Professor Audubert atuou no Brasil entre 1960 e 1976, primeiro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e depois na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, tendo sido responsável pela formação de toda uma geração de professores.

Em São Paulo, ele respondeu pela Cátedra de Francês, liderando uma equipe de que fizeram parte, entre outros, Jean Pellegrin, Maria de Lourdes Rodrigues, Maria Sabina Kundman, Mário Laranjeira, Vitor de Almeida Ramos e Ítalo Caroni.

Era detentor de uma formação clássica invejável, que atribuía aos estudos de grego clássico feitos desde a infância num colégio interno de Brive, e de uma aguda sensibilidade lingüística, que ele gostava de referir ao fato de

que, em sua região natal, se cruzam algumas das mais importantes isoglossas do mapa dialetal da França; também conhecia a fundo o *ancien français* e a história da língua francesa, mas o traço mais marcante de sua atuação em São Paulo foi a vontade de entender o Brasil e a sua gente, antes de começar a falar do tema da "mission": língua, literatura e civilização francesa. Esse profundo interesse pelo Brasil junta os dois momentos de sua carreira universitária: o que ele viveu em São Paulo, e o que ele viveu depois na França, como responsável pela Section de Portugais da Terceira Universidade de Bordeaux.

Em São Paulo, o Professor Audubert criou fortes laços, não só com os colegas da FFCL (Cruz Costa, Nicolau Salum, Antonio Candido, Alfredo Bosi) mas também com a intelectualidade paulistana – poetas, artistas plásticos músicos e atores mais ou menos pobres, mais ou menos famosos.

Sua maior preocupação eram, porém, os alunos. Convencido de que a formação de seus alunos era programa para toda uma vida, batalhou para toda uma legião de alunos a oportunidade de prosseguirem seus estudos na Fran-

ça, depois especialização. A outros, proporcionou a oportunidade de aperfeiçoamento através do leitorado: graças à atuação do Prof. Audubert, muitos leitorados de português foram criados em universidades francesas, e seu empenho foi sempre para que eles fossem ocupados por brasileiros e brasileiras. Muitos colegas fizeram assim seu ingresso na carreira universitária, durante as décadas de '60 e '70. Alguns retornariam mais tarde ao Brasil, para atuar não só em língua e literatura francesa, mas também em áreas próximas, como a lingüística ou a filosofia.

Quando o Prof. Audubert retornou finalmente à França, sua atuação se dividiu entre a política e a direção do setor de português da Universidade de Bordeaux III. Socialista convicto, amigo pessoal de Mitterand e de Mário Soares, o Prof. Audubert orgulhava-se de ter enfrentado e vencido em sua terra natal o atual presidente francês, Jacques Chirac. Como prefeito da pequena comuna da Chapelle aux Saints, pôde realizar o sonho de relançar através de um grande congresso os estudos sobre a pré-história da região, que é um dos sítios arqueológicos mais importantes de toda a Europa.

Na Universidade de Bordeaux III, orgulhava-se de ter implantado em todos os níveis os estudos de português brasileiro – uma empresa na qual envolveu figuras já consagradas, como o Prof. José Aderaldo Castello e o escritor Antônio Secchin (hoje Academia Brasileira de Letras), e jovens brilhantes como Joaquim Brandão de Carvalho (hoje Universidade de Paris) e Ivã Carlos Lopes (hoje USP).

Amante de livros e dos objetos que lembravam sua vivência sul-americana, o Audubert fez de sua mansão setecentista na Corrèze um verdadeiro museu do Brasil,

onde poderiam ser encontrados desde a estátua do Zé Pelintra até manuscritos de escritores famosos, e onde se acumulavam recortes de jornais e escritos dos antigos alunos. Nessa casa, também acolhia com grande generosidade os brasileiros que o procuravam.

O título acadêmico do prof. Audubert era a Agrégation (Grammaire), obtida da maneira antiga, por concurso público na Universidade de Paris. Ele participou da elaboração do *Französisches Etymologisches Wörterbuch* de Walther von Wartburg e nos deixou, entre outras obras um manual de tradução dedicado ao exercício que considerava mais difícil e mais desafiador - a versão para o francês de textos literários (*Do português para o francês, ed. Difusão Européia do Livro Bertrand*). Adorava o trabalho de pesquisa lexicográfica, e seu mergulho na linguagem substandard de São Paulo deu origem a um artigo sobre o vocabulário da maconha, que é bibliografia obrigatória em todos os cursos de português do primeiro mundo, além de um *Dicionário bilingüe de Gíria e Argot* (publicado na Alemanha pela Max Niemeyer Verlag, de Tübingen).

Todos aqueles que quiserem saber mais sobre esta figura, que foi tão importante para toda uma geração de brasileiros, deveriam ler o prefácio desse dicionário. Aí, o lingüista alemão Kurt Baldinger fala emocionadamente do Audubert, da sua família e da sua Occitânia natal, e esboça seus itinerários intelectuais mais importantes. Por um milagre quase impossível, neles se cruzam o culto da filologia e o da convivência com pessoas amigas, o amor à terra natal e a ansiedade de entender os outros, o francês e o português, uma enorme capacidade de compreender as pessoas e a vontade desinteressada de abrir caminhos.

EVENTOS

SEMINÁRIO EM HOMENAGEM A GILDA DE MELLO E SOUZA

POR ALINE VICENTE MIGUEL

Entre os dias 9, 10 e 11 de agosto, o Departamento de Filosofia e o Departamento de Sociologia da FFLCH promoveram uma série de seminários em homenagem à professora emérita Gilda de Mello e Souza, falecida em dezembro de 2005.

Sob a organização dos professores Sérgio Miceli Pessoa de Barros, da Sociologia, e Luiz Fernando Franklin de Mattos, da Filosofia, o evento contou com a participação de docentes não apenas da Faculdade, mas também da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA) e da Unicamp.

A abertura ocorreu no dia 09, coordenada pelo professor Victor Knoll. Na ocasião, os professores Bento Prado Jr., Marilena Chauí, Paulo Arantes e Laura de Mello e Souza discutiram o tema "Arte e Sociedade", abordando a formação intelectual, a atuação institucional e os ensinamentos da homenageada.



Gabriel Cohn, Sedi Hirano, Victor Knoll, Laura de Mello e Souza, Paulo Arantes e Bento Prado Jr.

Foto: Tarcício Luis D'Almeida Alves



José Arthur Gianotti, Walnice Nogueira Galvão, Maria Arminda do Nascimento Arruda, Vilma Arêas e Heloisa Pontes

No dia seguinte, ocorreram duas sessões. A primeira, no período da manhã, fez uma análise cultural, o que englobou moda, artes e literatura. A mesa

ficou sob a coordenação da professora Maria Arminda do Nascimento Arruda e os expositores foram José Arthur Gianotti, Walnice Nogueira Galvão, Vilma Arêas e Heloísa

Pontes (ambas da Unicamp). Já a segunda mesa discutiu a crítica de artes plásticas. O coordenador foi o professor Franklin Leopoldo e Silva. Participaram, como expositores, León Kossovitch, Otilia Arantes e os professores de História da Arte da Unicamp Jorge Coli e Nelson

Aguilar. Nessa sessão também houve a exibição do filme *A Aventura*, de Michelangelo Antonioni.

No último dia do evento, os professores da ECA Ismael Xavier e Carlos Eduardo Calil e o cineasta Eduardo Escorel debateram a crítica de arte sobre cinema, sob a coordenação de Luiz Fernando Franklin de



Eduardo Calil, Eduardo Escorel e Marilena Chauí

Mattos. No período da tarde, o professor Sérgio Miceli coordenou o debate a respeito da crítica de arte sobre literatura. Participaram, como expositores, os professores Davi Arrigucci Jr, Augusto Massi, Roberto Schwarcz e Modesto Carone (ambos aposentados pela Unicamp). O evento foi encerrado com a exibição do filme *Violência e Paixão*, de Luchino Visconti.



Nelson Aguilar, Franklin Leopoldo e Silva e Otilia Arantes



Antonio Candido e Tarcício Luis D'Almeida Alves



Luis Fernando de Matos e Ana Luisa Escorel



Marina de Mello e Souza

JORNADA ALFREDO BOSI: CULTURA E RESISTÊNCIA

POR ALINE VICENTE MIGUEL

Às vésperas de sua aposentadoria como docente, Alfredo Bosi, professor de Literatura Brasileira da FFLCH,

crítico literário e membro da Academia Brasileira de Letras foi homenageado com um evento inteiramente dedicado a ele. A *Jornada Alfredo Bosi: Cultura e Resistência* ocorreu no último dia 22 de

agosto, como uma iniciativa do Instituto de Estudos Avançados da USP, onde Bosi é o editor da revista *Estudos Avançados*. O evento também contou com o apoio da FFLCH, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLVC), da área de Literatura Brasileira da Faculdade e do Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA). A coordenação foi do professor João Roberto Gomes de Faria, chefe do DLCV.

A jornada foi dividida em duas sessões. A primeira, intitulada *A obra crítica de Alfredo Bosi*, ocorreu no Anfi-



João Roberto Gomes de Faria faz a abertura da sessão "A Obra Crítica de Alfredo Bosi", no Anfiteatro do Departamento de Geografia

teatro de Geografia, no período da manhã. Uma das atividades desenvolvidas foi a leitura de textos de Bosi sobre grandes autores, como Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade. Essa leitura crítica foi feita por diversos professores da FFLCH, entre eles:

Pedro Garcez Ghirardi, João Roberto Gomes Faria, Yudith Rosenbaum, Augusto Massi, Alcides Villaça, Murilo Marcondes de Moura, Antônio Carlos Secchim e Viviana Bosi. Participaram, ainda, dois professores do Instituto de Psicologia da USP: José Moura Gonçalves Filho, que fez a leitura do texto *Os trabalhos da mão* e Paulo de Salles Oliveira, que comentou os testemunhos de militantes políticos exibidos durante o evento.

A segunda parte do encontro ocorreu no Auditório



Foto: Mauro Bellesa

Mesa-Redonda "História das Ideologia no Brasil", com, a partir da esquerda, Antonio Whitaker, Fábio Konder Comparato, Jacob Gorender e Gabriel Cohn (coordenador). Realizada no Auditório Olivier Toni do Departamento de Música da ECA

Olivier Toni, do Departamento de Música. A abertura contou com a apresentação da Orquestra de Câmara da USP, regida pelo maestro Gil Jardim.

Em seguida, ocorreu uma mesa-redonda sobre a *História das Ideologias no Brasil*, moderada pelo diretor da FFLCH, professor Gabriel Cohn.

Jacob Gorender falou sobre *O Abolicionismo e a Constituição do Capitalismo Brasileiro. Economia e Humanismo* foi o tema abordado por Francisco Whitaker. Já Fábio Konder Comparato falou sobre *Direitos Humanos hoje*.

Após as exposições, houve uma apresentação musical de José Eduardo Martins e José Miguel Wisnik. O evento foi encerrado com o lançamento do mais novo livro de Alfredo Bosi: *Brás Cubas em três versões – Estudos Machadianos*, pela Companhia das Letras.



Foto: Mauro Bellesa - IEA/USP

Antonio Candido e Alfredo Bosi na platéia da sessão "A Obra Crítica de Alfredo Bosi", no Anfiteatro do Departamento de Geografia



Foto: Mauro Bellesa - IEA/USP

Alfredo Bosi autografando seu livro "Brás Cubas em Três Versões - Estudos Machadianos" para José Mindlin, no lançamento da obra, realizado no Auditório Olivier Toni do Departamento de Música da ECA



Foto: Mauro Bellesa - IEA/USP

Platéia da Mesa-Redonda "História das Ideologia no Brasil", realizada no Auditório Olivier Toni do Departamento de Música da ECA

UM PROFESSOR QUE ENSINAVA A PENSAR

POR ALINE VICENTE MIGUEL



Foto: Hélio Nobre

Janice Theodoro da Silva no evento em homenagem ao Prof. Ulpiano Bezerra Toledo de Menezes

tuições. O evento, organizado pelo Departamento de História com a colaboração professora Janice Theodoro da Silva, contou com a participação de aproximadamente

No último dia 08 de agosto, o professor Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes foi homenageado por colegas não apenas do Departamento de História e da FFLCH, mas também de outras insti-

100 pessoas, entre professores e estudantes.

A idéia do encontro surgiu em decorrência da aposentadoria compulsória do professor Ulpiano, como uma forma de expressar o respeito e a admiração dos colegas e alunos por ele. "O sentido maior da homenagem, no entanto, foi registrar publicamente o significado criativo e marcante da obra de um grande pro-



Foto: Hélio Nobre

Evento em homenagem ao Prof. Ulpiano Bezerra Toledo de Menezes

fessor”, afirma a professora Janice, que foi aluna de Ulpiano na década de 70.

Segundo a professora, o clima da homenagem foi marcado pelo “*afetuscadêmico*”. “Falaram, ao mesmo tempo, o coração e a razão de cada orador”, explica. Inicialmente, os professores Modesto Florenzano, Alfredo Bosi e Eni de Mesquita Samara ressaltaram a trajetória intelectual de Ulpiano, bem como a importância de seus trabalhos.

Em seguida, os arquitetos Nestor Goulat Reis, Carlos Lemos (ambos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP) e Ana Luiza Martins (do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo), abordaram o estímulo de Ulpiano à definição e à consolidação de políticas públicas em favor da manutenção do patrimônio urbano e ambiental brasileiro.

Já os historiadores Marcelo Rede (do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense), Vânia Carneiro de Carvalho e Solange Ferraz de Lima (ambas do Museu Paulista da USP) retomaram as discussões sobre cultura material incentivadas pelo homenageado ao longo de sua carreira. “Essas discussões se tornaram um ponto de partida para se pensar criticamente os significados das exposições na sociedade contemporânea”, destaca Janice.

A homenagem ainda contou a participação das professoras Margarida de Souza Neves, do Departamento de História da PUC – RJ e Solange Godoi, do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, que destacaram as contribuições de Ulpiano não apenas aos estudos sobre História

Antiga, mas também a todas as áreas em que ele atuou.

Por fim, Marlene Suano, esposa do professor e docente do Departamento de História da FFLCH, relembrou alguns momentos da história de Ulpiano, dividida desde a juventude com o colega e amigo Alfredo Bosi, em especial nos tempos da ditadura militar. “Ela abordou as polêmicas que ele enfrentou, as críticas injustas das quais foi vítima e as acusações que o enristeceram, mas que não alteraram os seus objetivos voltados para a preservação do bem comum”, explica Janice.

Janice lamenta a aposentadoria do docente. Para ela, as experiências pessoais e culturais vividas e presenciadas pelas pessoas se acumulam com o passar dos anos, favorecendo reflexões mais férteis e conhecimentos inovadores. “A idade pesa a favor e não contra. Não faz sentido uma Universidade que reclama o êxodo de seus melhores profissionais aposentar compulsoriamente um professor no auge de sua carreira, quando ele está disposto a continuar sua produção e seu trabalho pedagógico com os alunos”, defende.

Questionada sobre o exemplo deixado por Ulpiano aos seus colegas, a professora afirma que ele não deixou exemplos, tampouco modelos. Para ela, modelos podem conduzir ao erro, pois as circunstâncias se alteram no tempo e no espaço. “A consciência crítica e política do meu professor e amigo Ulpiano era profunda. Ele não pretendia moldar ninguém. Sua intenção era nos ensinar a pensar”, afirmou Janice durante a homenagem.



Foto: Hélio Nobre
Janice Theodoro da Silva e
Ulpiano Bezerra Toledo de Menezes



Foto: Hélio Nobre
Evento em homenagem ao
Prof. Ulpiano Bezerra Toledo de Menezes

A UNIVERSIDADE ABERTA AO ENSINO MÉDIO

POR ALINE VICENTE MIGUEL

Apresentar aos alunos do Ensino Médio de escolas públicas e privadas os diversos cursos existentes na USP e as várias profissões que os mesmos possibilitam. Esse foi o objetivo da I Feira de Profissões do *campus* da capital, realizada nos dias 4, 5 e 6 de agosto, na Cidade Universitária. O evento fez parte de um projeto já desenvolvido pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão: *A Universidade e as Profissões*.

Segundo a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, estiveram presentes cerca de 3500 alunos nesses três dias de evento. Eles tiveram a oportunidade de conhecer os institutos e unidades de ensino da USP, seus respectivos laboratórios e centros de pesquisas, além do Museu de Arte Contemporânea (MAC) e o Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE). Cada uma das unidades localizadas na Cidade Universitária organizou uma programação pró-

pria, com palestras sobre os cursos oferecidos, exposições e visitas. Já as unidades externas ao *campus* do Butantã, tanto da capital quanto do interior, montaram seus estandes no pátio do prédio de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- FFLCH.

A abertura oficial ocorreu na sexta-feira, dia 04, no Auditório de Geografia da Faculdade. Na cerimônia, estiveram presentes o professor Sedi Hirano, pró-reitor de Cultura e Extensão e as professoras Margarida de Mello Aires, coordenadora do projeto *A Universidade e as Profissões*; Selma Garrido Pimenta, pró-reitora de Graduação e Sonia Penin, ex-pró-reitora de Graduação e atual diretora da Faculdade de Educação. A abertura também contou com a participação do professor Moacyr Ayres Novaes Filho, chefe do Departamento de Filosofia, representando o diretor da FFLCH.

A professora Selma ressaltou o compromisso da Universidade em propiciar, cada vez mais, a presença dos jovens que representam o conjunto da sociedade brasileira nos cursos oferecidos pela USP. Porém, como 85% dos jovens do Ensino Médio estudam no sistema público de ensino, o objetivo principal da Feira foi divulgar a Universidade e seus cursos para esses alunos. "Sabemos que a USP, muitas vezes, é colocada de maneira muito distante das possibilidades e dos sonhos desses jovens", afirmou a pró-reitora.

Esse objetivo da Feira em atingir principalmente os alunos de escolas públicas também foi destacado pelo professor Sedi Hirano. "No estado de São Paulo, 412 mil alunos concluem o Ensino Médio na rede pública a cada ano. Desse, apenas 17% se inscrevem para o vestibular da Fuvest. A grande maioria nem sabe que a USP existe", lamentou o pró-reitor. O professor Sedi também explicou que o evento não seria uma feira de produtos materiais e sim uma feira que levaria aos jovens visitantes o saber produzido pela Universidade. "A USP tem dentro dela todos os tipos de conhecimentos possíveis e imagináveis", afirmou.

Abertura - FFLCH

Ainda no primeiro dia do evento, o professor Moacyr Novaes apresentou a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas aos estudantes do Ensino Médio. Nessa apresentação, esteve presente o professor Gabriel Cohn, diretor da Faculdade. Ele ressaltou que "A FFLCH é uma das maiores e mais diferenciadas escolas da USP, um grande conjunto que envolve mais de 400 professores, cerca de 14 mil estudantes e seis prédios".

Inicialmente, o professor Moacyr fez uma breve explicação sobre os cinco cursos de graduação oferecidos pela unidade (História, Geografia, Letras, Filosofia e Ciências

Sociais) e sobre seus respectivos Departamentos. Depois, propôs uma reflexão sobre o papel da Universidade: "A Universidade é uma combinação do que já conhecemos com investigações novas. Assim temos o compromisso com a associação entre o ensino e a pesquisa", disse.

Ele também ressaltou que hoje a FFLCH possui dois grandes desafios. O primeiro é entender a produção do conhecimento para além da mera descrição dos fenômenos. Ou seja, além de fazer a descrição do fato, deve-se também fazer uma reflexão crítica sobre o mesmo. Ele citou um exemplo: "Apenas 17% dos jovens que concluem o Ensino Médio da rede pública paulista inscrevem-se para a Fuvest. O cientista social pode constatar e descrever isso, mas também pode fazer uma investigação crítica, pensando sobre as causas desse fato e como transformá-lo", explicou. Já o segundo desafio, segundo Moacyr, é promover a unidade e a circulação do conhecimento e da crítica produzidos nos diferentes cursos e disciplinas existentes na unidade.

No final da abertura, o professor Moacyr e o assistente acadêmico da FFLCH, José Clóvis de Medeiros Lima, responderam às dúvidas e questões dos alunos. Uma das estudantes questionou se o bônus de 3% que será acrescentado às notas obtidas pelos alunos da rede pública no vestibular da Fuvest não poderia gerar preconceito e discriminação entre os colegas provenientes de escolas particulares. O professor Moacyr não acredita que isso possa ocorrer. "Já vi casos em outras faculdades nas quais os alunos com bonificações ultrapassam os colegas nas notas e nas médias", afirmou. Clóvis destacou que 55% dos estudantes da FFLCH vieram de escolas públicas. Ele ressaltou, também, o exemplo de Florestan Fernandes: "Ele veio de uma família pobre, teve uma educação tardia, mas se dedicou com tanto afinco que se tornou um dos maiores sociólogos brasileiros".

Apresentação dos cursos

l) História e Geografia

No sábado, 5 de agosto, foi organizada uma mesa composta por um professor de cada curso oferecido pela Faculdade, sob a coordenação da professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e com a presença do diretor Gabriel Cohn.

Primeiramente, o professor Marcelo Cândido da Silva fez a apresentação do curso de História, que, a cada ano, oferece 270 vagas. Ele ressaltou algumas particularidades do Departamento de História da USP: é o Departamento de História mais antigo do Brasil (fundado em

1934), foi o primeiro a implementar uma área de pesquisa sobre a História da África e possui o mais antigo programa de pós-graduação em História do país. O Departamento conta com dois programas de pós: História Social (desde 1971) e História Econômica.

Em seguida, ele explicou sobre a estrutura do curso, que se organiza em 8 semestres. No 1º, já há uma carga horária sugerida, contendo as disciplinas: Metodologia da História, História do Brasil Colonial I, História Ibérica I e História da América Colonial. A partir do 2º semestre do curso, os estudantes têm a possibilidade de montar a carga horária do seu currículo, de acordo com a disponibilidade de matérias, já que não há pré-requisitos para a matrícula nas disciplinas. Os estudantes também podem escolher entre os professores que ministram uma mesma disciplina em determinado semestre, sabendo que essa escolha levará a dois programas diferentes. Um docente pode dar ênfase à História Cultural enquanto seu colega trabalhará mais com a História Política. “No nosso departamento há uma pluralidade de focos. As abordagens vão desde a História Política, passando pela História da Cultura, das Mentalidades e das Instituições Religiosas”, afirmou.

Marcelo também ressaltou que, cada vez mais, professores de História do Ensino Médio e Fundamental optam por fazer uma pós-graduação, o que reflete a preocupação dos professores com a especialização e com a associação do ensino à pesquisa. Sobre a atuação profissional dos estudantes formados pelo curso, Marcelo explicou que ela não se restringe ao ensino. Os historiadores também podem atuar nas áreas de conservação, patrimônio histórico, museologia e arqueologia, seja em órgãos públicos ou em empresas privadas.

O segundo curso a ser apresentado foi o de Geografia, pela professora Glória da Anunciação Alves. Em geral, o curso, que oferece 170 vagas por ano, trabalha com dois tempos diferentes: o da sociedade e o da natureza, sendo que esse último é alterado pela ação humana. A professora também explicou que, na graduação, diversas disciplinas são ministradas nos laboratórios existentes no Departamento, tais como o Laboratório de Cartografia, Pedologia, Climatologia e Biogeografia, Geografia Urbana e Geografia Agrária. Isso exige a divisão das classes em grupos menores, dado o número reduzido de equipamentos.

Já a pós-graduação se estrutura em dois programas: Geografia Humana e Geografia Física. O primeiro engloba áreas ligadas à Geografia urbana e agrária, à cartografia, à população, à economia e à política. A segunda trabalha mais com a natureza, tratando de temas como geomorfologia, pedologia, meio ambiente e hidrografia.

O geógrafo pode atuar em prefeituras, órgãos públicos e empresas privadas, realizando consultorias, planejamen-

tos e relatórios de impactos ambientais ou cuidando do gerenciamento da legislação relacionada ao meio ambiente. Outros campos de atividades são os estudos sobre a população (demográficos), a geografia política, a econômica e a agrária, além da aplicação de técnicas cartográficas, de geoprocessamento e de sensoriamento remoto, para a espacialização e a gestão adequada dos territórios.

Também há muitas oportunidades de trabalho no ensino. A professora, no entanto, reconheceu que há um grande preconceito contra os profissionais que se dedicam a essa área, principalmente contra os professores de escolas públicas. Há três anos, os alunos de Geografia da FFLCH, incomodados com essa discriminação, resolveram mostrar que a escola pública e a Universidade devem manter um diálogo constante. Isso culminou na organização da Semana da Geografia, cuja terceira edição ocorrerá entre os dias 23 e 27 de outubro. O evento contará com palestras e mesas-redondas sobre o ensino de Geografia. Também haverá um espaço para as escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio mostrarem seus trabalhos.

II) Filosofia e Ciências Sociais

O curso de Filosofia, que oferece 170 vagas por ano, foi apresentado pelo professor Eduardo Brandão. Ele explicou que além das disciplinas da área de História da Filosofia (Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea), o curso também explora áreas temáticas, como Ética e Filosofia Política, Lógica e Filosofia da Linguagem, Teoria do Conhecimento, Filosofia da Ciência, Estética, Teoria das Ciências Humanas, entre outras. Assim como nos outros cursos da Faculdade, os alunos de Filosofia têm a possibilidade de cursar algumas disciplinas optativas, além das obrigatórias. Assim, eles podem orientar o curso em direção à área que mais lhes interessa. A iniciação científica é outra possibilidade aos estudantes não apenas de Filosofia, mas também dos outros cursos.

Sobre a atuação profissional dos filósofos, Eduardo explicou que a principal é a docência. Porém, há outras oportunidades, como o trabalho em jornais e revistas e atividades vinculadas à área cultural (assessoria cultural e política e curadorias de museus e galerias de arte). Além de afirmar que os alunos que optarem pelo curso devem gostar de ler e escrever, o professor também ressaltou que os estudantes não devem esperar que o curso de filosofia cumpra uma função terapêutica. “Muitas pessoas procuram a graduação em busca de respostas a questões pessoais. Ainda que elas possam ser encontradas ao longo do curso, quero deixar claro que Filosofia não é terapia”.

Bruno Konder Comparato, professor do Departamento de Ciência Política, apresentou aos visitantes o curso de Ciências Sociais. Formado inicialmente em engenharia naval, o professor estabeleceu uma semelhança entre

ambos os cursos. "O navio é uma cidade no meio do oceano. Nele, trabalhamos com todas as engenharias: naval, mecânica, química, etc. O curso de Ciências Sociais também é amplo e generalista, abrangendo as áreas de Sociologia, Antropologia e Ciência Política", explicou.

Esse curso, que oferece 210 vagas por ano, está estruturado em 4 anos, sendo que os 2 primeiros são compostos por matérias básicas e obrigatórias das três áreas. Nos outros dois, os alunos devem cursar as disciplinas optativas.

Bruno ressaltou que o cientista social, ao contrário de um advogado ou engenheiro, não tem um caminho profissional já traçado. "Temos que inventar o nosso trabalho, criando uma ONG, por exemplo. Porém, dificilmente ficamos sem emprego", afirmou. O cientista social também pode trabalhar em órgãos de administração pública e com pesquisas de opinião, sejam elas políticas ou de mercado. Uma outra área forte de atuação hoje em dia é a política. "Como exemplo, temos o Ministro da Educação, Fernando Haddad e o porta-voz da Presidência, André Singer, que são professores do Departamento de Ciência Política".

III) Letras

A professora Maria Vicentina, coordenadora da mesa, falou aos presentes sobre o curso de Letras, que, a cada ano, oferece 849 vagas. Depois da Reforma Universitária de 1968, esse curso se dividiu em duas linhas principais: o bacharelado, para aqueles que querem se dedicar à pesquisa ou cursar uma pós-graduação e a licenciatura, que visa formar professores que atuarão na rede pública e na privada.

O primeiro ano da graduação é composto por um ciclo básico, comum a todos os alunos. Ao final desse ciclo, é feito um ranqueamento por média ponderada, a partir do qual os estudantes podem optar por uma habi-

litação, além do português: Linguística, Inglês, Espanhol, Francês, Alemão, Italiano, Árabe, Armênio, Chinês, Hebraico, Japonês, Russo, Latim e Grego. O curso proporciona, portanto, um diploma em duas habilitações: uma em português e outra em uma das áreas citadas.

Além das disciplinas do ciclo básico e daquelas referentes a cada habilitação, há outras matérias optativas e complementares no curso, que vão desde línguas indígenas até cultura sânscrita, passando por literatura infantil, cultura brasileira, portuguesa, africana, entre outras.

Maria Vicentina explicou que os alunos podem realizar estágios em livrarias, bibliotecas e arquivos, mas essa atividade não é obrigatória. Também há a possibilidade de participação em atividades de extensão à comunidade, como o I Projeto de Integração Social da FFLCH, que vem sendo realizado junto ao Hospital Universitário da USP – HU. Já os formados pelo curso podem atuar como professores no Ensino Fundamental, Médio ou Superior e como pesquisadores, ou então desenvolver atividades de consultoria em editoras, livrarias e bibliotecas.

No final de sua apresentação, a professora ressaltou que o curso não tem o objetivo de formar escritores ou poetas. A Faculdade fornece essa competência aos alunos, por meio de suas ferramentas didático-pedagógicas, que proporcionam o treinamento da redação, da escrita, da coesão e da organização de uma estrutura lógica dos textos. "Tornar-se um escritor ou um poeta reconhecido vai depender da vocação de cada um e do estudo sistemático", finalizou.

No estande da FFLCH, estiveram presentes a Comissão de Cooperação Internacional, a Editora Humanitas, o Serviço de Comunicação, o Serviço de Graduação, a Comissão de Estágios e o Serviço de Pós-graduação.

O Serviço de Comunicação auxiliou na organização do evento, bem como na sua cobertura (fotos e filmagens).



Selma Garrido Pimenta (Pró-Reitora de Graduação), Sedi Hirano (Pró-Reitor de Cultura e Extensão) e Moacyr Ayres Novaes Filho (Chefe do Departamento de Filosofia)



Eduardo Brandão (Filosofia), Glória da Anunciação Alves (Geografia), Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (Letras), Bruno Konder Comparato (Ciência Política) e Marcelo Cândido da Silva (História)



ARTIGO

LEGADO ÉTICO DE FERNANDO PESSOA

LILIAN JACOTO

PROFESSORA DE LITERATURA PORTUGUESA - DLCV

O fascínio que o século vinte exerce sobre os estudiosos das Humanidades se explica, em boa parte, pela sua incongruência, pela desmedida, pelo descalabro. As imagens retóricas das bombas atômicas não poderiam ter sido mais persuasivas e nem mais terrivelmente luminosas. Elas resumem a catástrofe gerada pelo encaminhamento que a sociedade industrial e tecnológica deu às luzes do século dezoito. Mas o século vinte foi também a euforia da velocidade, o fascínio da imagem em movimento, a ascensão e queda das ideologias, uma nova seqüência de cruzadas, mas num mundo diminuído de espaços e valores e, desde a constatação de Nietzsche, um mundo sem Deus.

Em seus apontamentos soltos, Fernando Pessoa, na voz de Álvaro de Campos, deixara o seguinte aforismo: "Deus é um conceito econômico. À sua sombra fazem a sua burocracia metafísica os padres das religiões todas." Por trás da irônica lucidez que envolve essa constatação, alguma indignação resta mal oculta, um pasmo que não se anula, que foi de Pessoa e de todos que viveram nesse século e que foram, de alguma forma, fascinados pela violência da arte moderna. Afinal: como conceber o Belo na ausência de uma ética que nos valha, senão diante de Deus, ao menos diante de nós mesmos?

A Ética, na transversalidade que ocupa nas Ciências Humanas, depara com uma dificuldade que, desde os oitocentos, se instaurou programaticamente no espaço ficcional: trata-se da dissolução do sujeito. Em língua portuguesa, Fernando Pessoa e os poetas de Orpheu foram catalisadores dessa crise que, na modernidade, abrange os espaços da autoria e da autoridade, simultaneamente.

Ocorreu que, abolindo com Álvaro de Campos o dogma da personalidade una e indivisível, o homem moderno se vê plural, descontínuo e incoerente; sabe-se desoladamente livre para escolher-se. De nítida influência nietzscheana temos o *Ultimato* de Campos, a bradar à Humanidade que sabe o caminho para o Novo Mundo, na anunciação de um super-homem, não mais livre nem mais forte - que livres e fortes todos somos num mundo da técnica e sem Deus -, mas o mais complexo e harmô-

nico. É hora de recolocar a questão: não estaria no campo da Ética o centro das preocupações desse século que Orpheu batizou literariamente em Portugal e que tanta influência exerceu sobre o fazer literário da lusofonia?

Senão vejamos: por que criar heterônimos, criar a si mesmo e outros tantos ao redor de um Mestre (Alberto Caeiro) pastor e guia, um "guardador de rebanhos"? Um guardador de reses figurativas - o rebanho é os seus próprios pensamentos, sobre os quais exerce o poder de tanger, serenamente, num tempo em que grassa a perda do auto-domínio? Por que um mestre sem erudição e sem metafísica, mas sabedor de uma conduta que, como coloca Leyla Perrone-Moisés, se oferece como uma "zona de saúde" para a doença do pensamento ocidental que se apartou da vida sensitiva?

Da biografia de Caeiro nada consta de notável: "Tem só duas datas - a da minha nascença e a da minha morte. / Entre uma e outra cousa todos os dias são meus." (*Poemas Inconjuntos*). Essa grande lacuna de puro anonimato causa espanto e inveja aos que têm os dias roubados pelas necessidades imperiosas - e ilusórias - da vida moderna. Necessidades da sobrevivência conturbada que nos priva do ócio, da contemplação e de todo contentamento. Contento em seu nada, Caeiro nos lembra Sêneca que, ocupado unicamente de si mesmo, assim descreve seu cotidiano: "Este dia é todo meu; ninguém me privou dele em nada" (*Cartas a Lucílio*, 78).

Por outro lado, por que inventar-se como o sujeito Ricardo Reis, epicurista decadente, com uma receita de felicidade calcada no auto-controle, na misantropia e no desapego, num século de histeria guerreira e consumista? Que dizer da visão de mundo pluralista e pagã num século que mais tarde viria a nos legar a Guerra Fria e o fanatismo das religiões monoteístas?

Mais curiosa é a repercussão que esse Mestre do qual todos carecem causa em Álvaro de Campos. Dotando-o da "pavorosa ciência de ver", Caeiro devolve Campos a si mesmo, isto é, ao Nada ontológico que o desassujeita, pois, diante da reconhecida incapacidade de guiar-se, toda a

vontade de potência que transborda do discurso futurista do eufórico Campos se reverte em melancolia plena, em “vazio pleno”, em *noite antiqüíssima e idêntica*:

Mestre, só seria tu se tivesse sido tu.
Que triste a grande hora alegre em que primeiro te ouvi!
Depois, tudo é cansaço neste mundo subjetivado,
Tudo é esforço neste mundo onde se querem coisas,
Tudo é mentira neste mundo onde se pensam coisas
Tudo é outra coisa neste mundo onde tudo se sente.
.....
Depois, tenho sido eu, sim eu, por minha desgraça,
E eu, por minha desgraça, não sou eu, nem outro,
nem ninguém.

Diante desse *drama em gente*, percebe-se que o movimento de Orpheu instaura, em Portugal, de forma mais programática e consciente, uma genealogia do desassujeitamento que percorrerá todo o século vinte, como crise que contagia e fulmina a própria História, num processo de corrosão crescente do sujeito como autoridade de si mesmo e autoridade familiar, política e social. O próprio período longuíssimo da ditadura – fardo que também herdamos - contribuirá para que o espaço literário seja o único possível em que o sujeito e o poder se experimentem e se revisem na outridade, busquem saídas éticas, ora na precariedade das ideologias, ora na pura experimentação do texto. As próprias experimentações da narrativa, com métodos cada vez mais sofisticados e descentrados de narração, são fruto de uma visão de mundo pluralizada, mas também difusa.

Como disse Campos, num de seus aforismos, *Fingir é conhecer-se*. Mas o intuito do fingimento, desde Orpheu, vai além do autoconhecimento. É uma busca ética, isto é: a busca de uma práxis, uma conduta humana, porém muito elevada, quase divina da existência.

A poética órfica, com sua *ontologia negativa*, e sua busca de uma complexidade e de uma harmonia que elevem o homem moderno como invenção ética de si mesmo, anuncia a tônica da filosofia do século vinte – e mais ainda do vinte e um – enquanto possível reação do sujeito ao automatismo insciente da *sociedade disciplinar* _ uma sociedade que, nos anos setenta, Michel Foucault descreveu como teia invisível de um poder que se entranha na nossa vida cotidiana e comum, im-

pedindo-nos de construir, como sujeitos, o nosso próprio tempo. É relevante, inclusive, o fato de que Foucault tenha ido ao Iluminismo para entender a genealogia de nossos códigos e instituições, e sobretudo tenha ido à Antiguidade para estudar o contraponto desse sujeito que no mundo moderno se ausenta e se dilui, o mesmo que, sem valores autênticos de conduta, torna-se simples *objeto útil e dócil*, à mercê de uma autoridade impalpável que lhe controla o tempo, a linguagem, os desejos, dos quais ele se apropria como se fossem realmente seus.

Quando Foucault nos descreve a conduta do homem grego antigo – o mesmo que inspirara, em boa parte, a ética dos heterônimos pessoanos - coloca-o diante de uma moral que dá espaço para que ele faça escolhas que constituam a si mesmo como autoridade de si, do clã e da polis. O sujeito livre adulto é o que aprendeu a tomar atitudes com temperança, cuidando do próprio corpo, da casa e do coletivo segundo limites que afastem de si os excessos, a passividade, ou o desrespeito à própria natureza. Constitui-se como sujeito de si, portanto, e a partir de uma relação harmônica consigo mesmo, que define a própria ética, acaba servindo a uma construção *estética* da existência. Noutras palavras: o homem livre, isto é, o que é senhor de si e de seus atos, é aquele capaz de construir uma *vida bela*.

Hoje, a sociedade tecnológica segue uma conduta disciplinar, que não dá ao indivíduo nenhum espaço para que se escolha. Em contraposição à *ética* antiga, esta sociedade dispõe da *norma*, de modo que nossas ações sejam reflexos condicionados, irrefletidos, isto é: *normais*. A distância entre o sujeito ético antigo e o indivíduo moderno é a mesma que, afinal, compõe o drama do poeta Ricardo Reis que, à beira-mundo, constrói a sua ficção:

Nunca a alheia vontade, inda que grata,
Cumpras por própria. Manda no que fazes,
Nem de ti mesmo servo.
Ninguém te dá quem és. Nada te mude.
Teu íntimo destino involuntário
Cumpra alto. Sê teu filho.

Esta não seria, por pura ausência da ética, a grande ficção do homem moderno? Não estará nessa distância, entre uma práxis sonhada e a nossa realidade comzinha de objetos úteis e dóceis, o espaço ético do fingimento? Se sim, fingir, não seria, mais que se conhecer, recuperar o poder e o saber para *escolher-se*?

ENTREVISTA

PROFESSORA MARIA LUIZA MARCÍLIO

POR ALINE VICENTE MIGUEL

A entrevistada é professora titular aposentada do Departamento de História, presidente da Comissão de Direitos Humanos da USP e criadora do CEDHAL (Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina), fundado em 1984, do qual foi diretora até 1994.

Aline Vicente Miguel: Primeiramente, gostaria que a senhora me falasse sobre o seu trabalho como presidente da Comissão de Direitos Humanos da USP, bem como sobre as principais atividades desta Comissão.

Maria Luiza Marcílio: A Comissão nasceu em 1997, criação do Reitor da época, Jacques Marcovitch. A idéia inicial era de que ela seria uma comissão temporária, com a finalidade de organizar, no ano seguinte (1998), atividades para a celebração do cinquentenário do maior documento que a humanidade já produziu: a **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Tive a honra e até a surpresa de ser nomeada presidente dessa Comissão em 1997, função que exerço até hoje, com sucessivas reconduções ao cargo.

Nesse ano de 1998 nós propusemos várias atividades. Uma delas foi a criação do Prêmio USP de Direitos Humanos, cujas inscrições para a sétima edição estão abertas até o dia 30 de setembro. Esse prêmio conta com duas categorias: a institucional e a individual. É um prêmio que a Universidade oferece à sociedade, como forma de promoção dos Direitos Humanos e de estímulo às ações afirmativas e notórias na área. Pessoas do Brasil todo podem ser indicadas ou se candidatar, inclusive estrangeiros que desenvolvem alguma ação afirmativa em nosso país. Faço aqui um convite para que professores, funcionários e alunos da USP assistam à cerimônia de entrega do prêmio, que é extremamente bonita e honrosa para a Universidade. Geralmente, ela ocorre por volta do dia 10 de dezembro (Dia da Declaração Universal dos Direitos Humanos), sempre no Conselho Universitário, tendo presente a Reitora, as mais altas autoridades da USP, do Governo Estadual e Municipal e de outras instituições. Os trabalhos inscritos vêm sendo de diversos tipos: em favor da criança, de deficientes, de idosos, entre outros. O Reitor da USP envia, a cada abertura de edital para as

inscrições, mais de duas mil cartas para todos os Reitores das universidades federais, municipais, estaduais e particulares do Brasil, notificando-os de que as inscrições estão abertas e solicitando que indiquem pessoas e instituições. São expedidos convites à grande imprensa e a autoridades dos diversos níveis.

Também no ano de 1998 propusemos ao Reitor a criação de uma biblioteca virtual de Direitos Humanos, a fim de colocar na casa dos brasileiros os instrumentos internacionais e nacionais de Direitos Humanos. Era extremamente difícil acessar *sites* em português com textos da ONU ou de suas agências que fossem completos, integrais. O *site* foi organizado e fundado oficialmente em 1999. Hoje, a Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da USP – www.direitoshumanos.usp.br – é considerada como a quinta mais importante biblioteca virtual do gênero do mundo e a primeira em língua portuguesa. Ela é acessada diariamente por uma média de 200 a 300 pessoas.

Nessa biblioteca virtual, você encontra os textos integrais em português expedidos e aprovados pela ONU e ratificados pelo Brasil, como tratados, convenções, protocolos e declarações não apenas da ONU (Organização das Nações Unidas), como de suas agências: Unesco (Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura), OIT (Organização Internacional do Trabalho), e as demais. Disponibilizamos também documentos sobre Direitos Humanos produzidos pelo Brasil e pela USP. Como eu sou historiadora, não poderia deixar de colocar textos históricos que marcaram a luta milenar do homem em direção à construção de seus direitos, desde o Código de Hamurabi (cerca de 1780 a. C.) ou a Magna Carta (1215). Existem também uma bibliografia sobre o assunto, um noticiário e um livro de visitantes, no qual mantivemos todas as mensagens desde 1998 - quase todas, 99% delas, são mensagens elogiosas e agradecidas por esse serviço.

A Comissão de Direitos Humanos da USP tem promovido eventos. Temos uma ação e um projeto constante de educação para os Direitos Humanos no Brasil. Fazemos isso através de conferências, fóruns, entrevistas, debates, cursos, artigos e publicações.

AVM: Em 2004, a Comissão distribuiu o CD-ROM *Direitos Humanos – Textos Nacionais e Internacionais às escolas da rede pública municipal e estadual da cidade de São Paulo. Vocês pretendem expandir esse projeto?*

MLM: Esse projeto foi desenvolvido tendo em vista que a maioria das escolas públicas ou tem computador e o professor não o usa, porque não sabe ou porque não tem condições de usá-lo, ou tem computador e não tem Internet. Pensando nisso, batalhei muito para que a gente pudesse fazer um CD-ROM e distribuí-lo gratuitamente. A minha idéia, muito pretensiosa no início, era distribuí-lo em todas as escolas públicas do Brasil. Precisaríamos enviar uns 30 mil CDs. Já para fazer umas 30 mil cópias, precisaríamos de muito dinheiro. Segundo, o gasto com o envio por correio seria imenso. Batalhamos, batalhamos e o que nós conseguimos foi 10 mil reais da Associação dos Magistrados Paulistas. Fizemos 5 mil CDs, o suficiente para distribuir para as escolas públicas estaduais e municipais da cidade de São Paulo.

A idéia, porém, não era apenas enviar os CDs e que eles ficassem perdidos pelos escaninhos das escolas. A idéia era mostrar a pelo menos um professor de cada escola o que são Direitos Humanos e como ele poderia usar esses textos nas salas de aula. Então fizemos uma conferência na Faculdade de Direito, da qual participaram cerca de 300 representantes das escolas municipais. Para isso, contamos com o apoio de Maria Aparecida Perez, secretária municipal da educação na época.

Outra importante iniciativa que apoiamos foi a criação do primeiro mestrado em Direitos Humanos do Brasil, na Faculdade de Direito da USP. Esse projeto nasceu da Fundação Ford. Nós não tínhamos, no Brasil inteiro, nenhum mestrado ou doutorado diretamente em Direitos Humanos. Já houve teses e dissertações produzidas nessa área na Faculdade de Direito ou em outras faculdades, mas não havia um ensino diretamente organizado para isso. Então, a Fundação Ford promoveu um concurso nacional, oferecendo três prêmios para as faculdades de direito que criassem um mestrado interdisciplinar na área de Direitos Humanos, envolvendo outras áreas, como sociologia, psicologia, educação, economia, o que fosse. Para esse concurso nacional, aberto em 2003, tive a honra de ser convidada para a comissão que o promoveu e em seguida avaliou as candidaturas.

Minha ação foi no sentido de sensibilizar os professores da Faculdade de Direito para que eles organizassem um projeto para o Mestrado e pudessem, assim, se candidatar ao prêmio. Nessa criação, foi determinante a ação do diretor em exercício da Faculdade de Direito da época, o

professor Guido Soares, falecido, a quem presto aqui minhas homenagens. De fato, em janeiro de 2003, foi graças a ele que se chegou a movimentar várias cadeiras e professores de diferentes unidades da USP, para montagem do plano e do processo de criação do Mestrado e de inscrição desse projeto no concurso aberto pela Fundação Ford. A USP ganhou o primeiro lugar nesse certame, o curso foi internamente aprovado nas várias instâncias, e neste ano de 2006, depois da seleção feita, iniciou seu primeiro ano. O Mestrado em Direitos Humanos é a grande esperança na formação de novas lideranças que promoverão novos valores em nossa sociedade.

AVM: Na prática, de que forma essa Comissão pode contribuir para a promoção dos Direitos Humanos e da justiça social no país? A Comissão recebe, por exemplo, muitas queixas de violação de direitos?

MLM: Recebemos constantemente. Um deles foi de um dekassegui (brasileiro que vive no Japão), no ano 2000. Ele estava para voltar ao Brasil e presenciou uma briga entre brasileiros e japoneses na rua. E porque ele estava lá e era estrangeiro, foi preso. Uma associação de brasileiros do Japão nos denunciou essa prisão injusta, dizendo que eles já tinham recorrido à Embaixada e ao Consulado Brasileiro no Japão, mas que não tinham recebido nenhum apoio. Naquela época, o chanceler brasileiro era Celso Lafer. A Comissão escreveu-lhe uma carta, fornecendo todos os dados sobre o brasileiro e dizendo que, aparentemente, tinha sido injusta a sua prisão e que ele não teve apoio nem da Embaixada e nem do Consulado. Imediatamente Celso Lafer enviou uma ordem à diplomacia brasileira no Japão, que se movimentou rapidamente e esse brasileiro foi solto. Esse foi um dos casos emblemáticos de nossa ação.

Nós não temos condições para agir diretamente, mas tentamos, pelo menos, conseguir o apoio de alguma autoridade municipal, estadual ou federal ou então da área da justiça em favor dos casos individuais. Mas a finalidade da Comissão não é a da defesa de casos individuais, para os quais nem competência tem. Sua ação é de promover por todos os meios acadêmicos (conferências, cursos, debates, artigos, livros) os Direitos Humanos em nossa sociedade. É mostrar que Direitos Humanos é algo mais profundo do que atuar restritivamente na área da violação dos direitos individuais de prisioneiros ou do campo da violência e da repressão. O que procuramos atender é a educação dos valores que visem o Homem todo e Todos os Homens, a prevenção da violência e a promoção da Paz, da Justiça Social, da Tolerância do humanismo integral.

AVM: Durante os ataques do PCC no estado de São Paulo, principalmente no último mês de maio, o Ministério Público e ONGs ligadas aos Direitos Humanos passaram a exigir que a polícia explicasse em que circunstâncias morreram os envolvidos nos atentados. Isso causou, de certa forma, um revolta em grande parte da população: a Comissão dos Direitos Humanos da Prefeitura de São Paulo recebeu centenas de telefonemas e e-mails ameaçadores. Muitas pessoas argumentaram que no Brasil os direitos humanos são prerrogativas apenas dos marginais e não dos policiais assassinados. A população em geral também teve seus direitos violados nesses episódios. Como a senhora vê esses três aspectos da questão?

MLM: Nesse episódio, eu vejo a questão dos Direitos Humanos de uma forma mais profunda, mais abrangente e não eventual ou pontual: eu vejo o direito à vida, o direito à Paz, o direito à justiça. Seja de um lado ou de outro, o direito à vida é fundamental. No Brasil, de um modo geral, há uma ignorância sobre o que são os direitos humanos. Se todos lessem a Declaração Universal dos Direitos Humanos veriam que são os direitos à vida, à saúde, à educação, ao meio ambiente sadio, sem distinção de raça, de cor, de religião, de nascimento ou de fortuna. Essa idéia de que Direitos Humanos são direitos de bandidos é realmente muito primária, reflete a ignorância que temos no Brasil em geral sobre o que são Direitos Humanos.

Foi o vazio de autoridade e de competência que acabou sendo preenchido pelos criminosos que possuem um alto poder de organização e um poder financeiro também, porque trata-se de tráfico de drogas, que é a maior fonte de receitas que existe.

Do lado das autoridades, temos uma polícia que está absurdamente dividida em Polícia Militar e Polícia Civil, que em geral, na se entendem, não se integram. Os criminosos, porém, agem não apenas nos Estados e nas divisas de cada um, eles agem de maneira interligada em todo o Brasil e também no exterior. O crime está globalizado.

Há também um outro aspecto, igualmente grave: a impunidade. A justiça não age de uma forma unificada, coerente e rigorosa, de forma igualitária para ricos e pobres, brancos e negros. O sujeito que comete um crime hediondo pode ser condenado à pena máxima que a legislação permite (30 anos), mas no dia seguinte, você já vê ele solto, porque as leis são tão lenientes que permitem que a pena vá se reduzindo de tal forma que no fim ele sai da prisão. Não que eu seja a favor da doutrina do aprisionamento puro e simples, mas há crimes que devem ser rigorosamente penalizados com a prisão por um tempo suficientemente longo.

Nas cadeias, temos o sujeito que roubou uma maçã na feira ao lado de um alto criminoso. Às vezes, o criminoso possui dinheiro proveniente do tráfico e, com a ajuda de seus advogados, é solto mais rapidamente do que o outro que não tem advogado. Então é preciso que se reforme a justiça: deveriam ser colocados na prisão apenas aqueles que realmente cometeram crimes hediondos e gravíssimos contra a segurança e a vida das pessoas e aqueles ligados ao crime organizado e ao narcotráfico. A impunidade que vimos claramente no caso dos deputados que roubaram o dinheiro público tem consequências trágicas para o restante da sociedade que paga impostos e age dentro da lei.

Por outro lado, a mídia tem uma dose de responsabilidade em tudo isso. Na medida em que aparecem novas formas de crime e ela o descreve em suas minúcias, acaba estimulando o outro que nunca pensou naquela forma de crime. Eu me lembro, por exemplo, do problema do seqüestro relâmpago. O primeiro que fez um seqüestro desse tipo foi bem sucedido, ganhou dinheiro fácil, saiu em todos os jornais do país, com todos os detalhes. Foi uma escola para uma seqüência de seqüestros relâmpagos.

AVM: Hoje muitos políticos, até mesmo de esquerda, estão propondo uma revisão dos Direitos Humanos. O deputado Fernando Gabeira, por exemplo, argumenta que o movimento se estruturou na defesa do indivíduo contra os abusos do Estado, o que é válido quando o Estado detém o monopólio da violência. Qual é a sua opinião sobre essa proposta de revisão?

MLM: O que ele quer é que a política brasileira em relação aos direitos humanos seja revista e ampliada. Isso é o que todos nós queremos. Por exemplo, nós temos garantida na Declaração dos Direitos Humanos e na Declaração dos Direitos da Criança, a educação de base de qualidade para todos, indiscriminadamente. Infelizmente, os nossos políticos não estão propondo isso e sim mais universidades federais, enquanto a educação de base de qualidade não merece prioridade deste governo. De acordo com avaliações internacionais, como a avaliação do PISA (um programa internacional de avaliação comparada), ocupamos o penúltimo lugar em matemática, em ciências e em língua portuguesa, em relação aos demais países que se submeteram a essa avaliação. Então, que direitos humanos nós estamos promovendo? Aí sim Fernando Gabeira tem razão. Temos que rever esses direitos humanos e que o governo não faça apenas universidades, mas que invista na base. É essa que vai preparar os meninos, sejam eles negros ou bran-

cos, para que eles entrem nas universidades. Não são as cotas que resolverão o problema do acesso à universidade dos mais pobres da sociedade. É uma educação de base de qualidade que preparará o cidadão, sem discriminação, para a universidade. Se o Brasil sonha com um maior desenvolvimento e melhor igualdade social não há outra receita: tem que investir na educação de qualidade.

AVM: Como a senhora vê a promoção dos direitos humanos hoje no Brasil, considerando-se a questão indígena, o preconceito racial e de gênero, a discriminação de homossexuais, a pobreza, a fome e o desemprego? E no exterior, qual é a imagem do Brasil nesse campo?

MLM: Das piores possíveis. Pelo que eu percebo, é uma imagem ruim em termos de educação, saúde, discriminação, segurança, preservação do meio ambiente, entre outros. Mas é claro que houve avanços, sem dúvida. Não podemos olhar apenas o lado negativo de tudo. O Brasil teve avanços significativos nessas últimas décadas. Hoje, nós temos uma legislação considerada modelo para todos os países subdesenvolvidos, que é o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). Sempre fomos muito avançados em termos de leis. Já a prática está meio complicada, mas também temos avanços. Por exemplo, o primeiro Prêmio USP de Direitos Humanos foi para a Pastoral da Criança, cuja coordenadora nacional é Zilda Arns. Ela, inclusive, foi indicada pela USP, através da Comissão, para o Prêmio Nobel da Paz por três anos seguidos. Essa Pastoral tem uma ação não só no Brasil, mas também em 14 países subdesenvolvidos da América Latina e da Ásia. Essa ação da Dra. Zilda Arns contribuiu decididamente para uma nutrição melhor da primeira infância e uma diminuição consistente da mortalidade infantil, tanto daqui quanto de fora do Brasil, onde essa pastoral tem agido. Temos também outras ações muito dignas de citação, como a SOS Mata Atlântica. Ela é uma das ONGs mais prestigiosas no Brasil e no exterior em defesa da natureza, o que também é uma forma de Direitos Humanos. Além disso, existem muitas ações ligadas à educação das crianças.

De uma forma geral, houve avanços em termos de justiça social, de educação de base, de promoção de uma sociedade menos desigual. Mas, a realidade é que foram ainda insuficientes. Há muito, mas muito trabalho pela frente para chegarmos a uma sociedade mais justa e mais igual.

AVM: Mas a senhora não acha que a promoção dos Direitos Humanos no Brasil depende também de uma

vontade política de quem está no poder?

MLM: Sem dúvida. Mas eu quero dizer também que no governo do Fernando Henrique foi criada a Secretaria Nacional dos Direitos Humanos. No governo Lula, ela foi temporariamente promovida a Ministério e depois voltou a ser Secretaria Nacional. Não importa o nome. Na verdade, o que importa é que há uma ação coordenada do governo no sentido de promover os Direitos Humanos. Seguindo o exemplo, governos estaduais e governos municipais criaram suas respectivas Comissões de Direitos Humanos. O mesmo se deu em Assembléias Legislativas Estaduais e até em Câmara de municípios. É claro que essa ação ainda é muito limitada.

Nós precisamos debater o assunto, porque a ignorância é muito grande em relação a ele. Esse debate também deve ser feito por meio das escolas, que foi a nossa ação com o CD-ROM. Já com a ação do novo mestrado em Direitos Humanos, que a USP inaugura, eu tenho certeza que teremos um celeiro de pessoas bem preparadas para liderar ações dentro do Brasil, porque todos que estão nessa área ou são auto-didatas ou então são pessoas que ignoram o assunto, defendem alguma coisa que não conhecem bem. Nós precisamos de pessoas formalmente muito bem preparadas para isso.

As ações positivas já começaram, com ações não só de ONGs, mas também dos governos e universidades. A USP foi a primeira universidade a ter uma comissão desse tipo.

AVM: A senhora dedicou grande parte de seus estudos e trabalhos à história da infância e ao abandono de menores. No nosso país, crianças são encontradas em trabalhos perigosos nas indústrias, minas de carvão, no cultivo de cana-de-açúcar e de fumo, sem contar os menores nas ruas e aqueles envolvidos no crime, no tráfico de drogas e na prostituição. Como resolver ou, ao menos, amenizar esse problema?

MLM: É muito difícil. Uma das coisas sobre a qual eu tenho debatido e publicado é a educação: sem uma educação de base de qualidade nós não diminuiremos as desigualdades sociais e não partiremos para um desenvolvimento sustentável. Os maiores *experts* e especialistas em educação do mundo repetem isso e muitos brasileiros têm trabalhado em pesquisas e publicações magníficas, no sentido de mostrar que, efetivamente, sem educação de base de qualidade para todos não chegaremos a lugar nenhum.

O governo precisa se dar conta disso: os deputados, os senadores, as autoridades desse país, o ministro da educação, que infelizmente não está entendendo nada dis-

so, precisam por na cabeça que é preciso canalizar todas as capacidades e todos os investimentos brasileiros na melhoria da educação. Isso inclui, por exemplo, uma boa formação do professor, a instalação bem adequada das escolas, com bibliotecas, merenda escolar, professores competentes e diretores bem capacitados. Deveriam ser desenvolvidos até mesmo prêmios ou incentivos salariais para aqueles professores que atuarem de uma forma melhor e que tenham uma dedicação e um trabalho bem-sucedido. Essa história de isonomia de salários não estimula ninguém, nem na USP e nem fora dela.

Há um livro de Gustavo Lochpe que se chama *A ignorância custa um mundo* e diz exatamente isso que eu estou dizendo. Ele mostra que um país subdesenvolvido que não investe na escola e na educação é um país que está fadado ao atraso e ao fracasso. Todos esses problemas graves do Brasil, como a corrupção, violência, saúde precária e a desigualdade social e de renda estão fortemente ligados ao atraso da nossa educação.

O site da Comissão e da Biblioteca Virtual é:
www.direitoshumanos.usp.br

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

ALUNOS VOLUNTÁRIOS DA FFLCH REINICIAM ATIVIDADES JUNTO AO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

POR ALINE VICENTE MIGUEL



Profa. Maria Vicentina
Aula Inaugural - 2ª turma

As crianças atendidas pelo Hospital Universitário da USP – HU - voltaram a receber a atenção e a companhia dos estudantes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH. No último dia 21 de agosto, a segunda turma de alunos voluntários da Faculdade iniciou suas atividades no I Projeto de Integração Social da FFLCH, realizado junto ao Hospital.

Os cerca de 18 inscritos para essa segunda fase deverão acompanhar, até novembro, crianças e adolescentes (de 2 a 15 anos de idade incompletos) internados na enfermaria de pediatria do HU, onde há uma brinquedoteca, e também aqueles que são atendidos no ambulatório da pediatria. As atividades ocorrerão de segunda a sexta, em dois períodos: das 9h às 12h e das 14h às 17h. Entre elas, estão o reforço escolar, para compensar a ausência às aulas do Ensino Fundamental e Médio, a narração de histórias, e diversas brincadeiras educativas e atividades lúdicas, como jogos, teatros e fantoches.

No dia 17 de agosto, a professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, coordenadora do Projeto, ministrou uma aula inaugural no auditório do HU para esse segundo grupo. Entre eles, há alguns voluntários iniciantes e outros que já participaram da primeira turma, que atuou entre março e junho de 2006.

Ela ressaltou a importância do trabalho voluntário para aqueles que o realizam: “Não gostaria que vocês interpretassem essa atividade como um trabalho menor. Apenas as pessoas capacitadas conseguem realizar um trabalho desses”, afirmou.

Maria Vicentina também explicou que alguns voluntários da primeira turma lamentaram não estarem preparados para trabalhar com crianças. No entanto, a professora acredita que os alunos possuem essa preparação, sim. “A metodologia que vocês aprendem na Faculdade de Educação para lidar com os alunos do Ensino Fundamental e Médio é a mesma que vocês devem utilizar com os alunos daqui”, afirmou. A diferença, para a professora, está no público alvo. “Numa escola, vocês convivem com a criança durante um ano. Aqui, elas são passageiras, pois vêm apenas para consultas ou ficam internadas por algum tempo. Esse é o grande desafio”, explicou. Ela destacou que essa metodologia dinâmica, utilizada com as crianças do hospital, visa a despertar nos estudantes o desenvolvimento do raciocínio lógico e imediato e a capacidade para a resolução de problemas no ato da própria ocorrência.

No primeiro semestre deste ano, o Fundo de Cultura da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária destinou uma verba para o Projeto, possibilitando a contratação de duas monitoras bolsistas. Já os alunos voluntários que participarem do projeto até novembro receberão 4 créditos no currículo. A professora, inclusive, citou o Projeto de Lei nº

859, do Deputado Estadual Sidney Beraldo, já aprovado pelo ex-governador Geraldo Alckmin. A nova Lei determina que os alunos do sistema universitário do estado de São Paulo, que realizarem trabalhos comunitários, deverão receber créditos para a sua titulação acadêmica. "Na prática, a aprovação do projeto veio ao encontro ao que a Universidade já vinha fazendo, principalmente na concessão dos créditos", afirmou Maria Vicentina.

Equipe do HU

Na aula inaugural, também estiveram presentes Marina Pazzeto de Menezes, diretora da Divisão Técnica Assistencial do HU; Tereza Manrique Coan, chefe da Seção de Enfermagem do Ambulatório de Pediatria; Nanci Cristiano Santos, chefe da Seção de Enfermagem da Pediatria, e Daniela Ribeiro Linhares, técnica de apoio educativo.

Inicialmente, Marina relembrou a ativação do Hospital, em 06 de agosto de 1981, motivada pelas manifestações dos alunos de Medicina, Fisioterapia, Nutrição, Odontologia, Farmácia e Bioquímica e Terapia Ocupacional. Ela ressaltou que o Hospital tem um forte vínculo com o ensino, com a pesquisa e com a assistência, já que atende à comunidade uspiana e a do Butantã. "O HU é uma área muito rica para o conhecimento, por isso a abertura para alunos de

outros cursos, não apenas da área de saúde", afirmou.

Em seguida, Tereza falou a respeito do Ambulatório da Pediatria, bem como sobre sua área física e sobre o público atendido. Na sequência, Nanci falou aos presentes sobre a Seção de Pediatria e sua área física, além dos cuidados com a infecção hospitalar.

Por fim, Daniela ressaltou a importância das brinquedotecas hospitalares e das atividades recreativas desenvolvidas com as crianças doentes. Para ela, o incentivo às atividades lúdicas, expressivas e produtivas, fazem com que a criança aceite e conviva melhor com a doença. Sobre o Projeto de Integração Social, Daniela afirma que ambos obtêm ganhos, tanto os alunos da FFLCH quanto os pacientes. "Os estudantes vivenciam o contato com a criança, pensando na prática escolar e nos desafios que encontrarão no cotidiano profissional. Já as crianças têm um ganho afetivo e de atenção, melhorando mais rapidamente", concluiu.

O Projeto de Integração Social vem recebendo todo apoio e suporte do Serviço de Comunicação da FFLCH, por meio dos membros assessores Eliana Bento da Silva Amatuzy Barros, Daniela Yoko Taminato e Aline Vicente Miguel.

ASSISTÊNCIA ACADÊMICA

POR ALINE VICENTE MIGUEL



José Clóvis

As atividades da Assistência Acadêmica estão relacionadas à vida escolar de toda a Faculdade. Nomeado como Assistente Acadêmico em 2002, na gestão do Professor Sedi

Hirano, José Clóvis de Medeiros Lima entende que o foco principal do trabalho de sua equipe é o bom atendimento aos alunos, professores e a toda comunidade que frequenta os cursos da FFLCH. São mais de 11 mil alunos de graduação, 3 mil de pós e 7500 de cultura e extensão (o que compreende, além de docentes, alunos e funcionários de toda a USP e membros da comunidade externa, como professores da rede pública).

Assim, está sob a sua responsabilidade fornecer um bom suporte aos onze Departamentos da FFLCH, em termos de infra-estrutura, de contratação de professores e da disposição do atendimento aos alunos. Além disso, essa Assistência também deve assessorar o diretor da Faculdade e os órgãos colegiados, como a Congrega-

ção e o CTA, no sentido de viabilizar as atividades acadêmicas da unidade. Desse modo, ele coordena a Seção de Apoio Acadêmico, o Serviço de Alunos de Graduação, as três Seções de Alunos, o Serviço de Assistência ao Ensino de Graduação, o Serviço de Pós-graduação, o Serviço de Cultura e Extensão Universitária e o Setor de Apoio aos ex-alunos.

Clóvis resalta que enquanto esses serviços e seus funcionários estão sob a sua responsabilidade, as quatro comissões estatutárias da FFLCH (Graduação, Pós-graduação, Pesquisa, e Cultura e Extensão) têm sua dinâmica própria, com seus presidentes, vices e representantes de cada Departamento, sendo que suas atividades estão ligadas à direção e aos colegiados da unidade.

A secretária Kely Cristina Mendonça Martins explica que essa Assistência também auxilia na organização das seguin-



Kely Cristina

tes eleições do meio universitário: para reitor, diretor e vice-diretor; para representantes das diversas categorias docentes junto à Congregação (titular, associado, doutor, auxiliar de ensino e assistente); para representante docente da Congregação junto ao Conselho Universitário; para representante dos alunos junto à Congregação e CTA; para representante dos antigos alunos junto à Congregação, e para representantes não docentes junto ao CTA, à Congregação e ao Conselho Universitário.

Ainda segundo Kely, uma de suas outras atribuições é dar suporte à contratação de monitores. Ela afirma que entre 2005 e 2006, foram contratados 275 alunos tanto da graduação quanto da pós como monitores bolsistas.

Na opinião do assistente, a FFLCH e seus funcionários são extremamente competentes naquilo que fazem. Ele cita um exemplo: no final da greve de 2002, foram concedidos 92 claros de docentes para a Faculdade e, segundo ele, havia uma falsa impressão de que essa meta não seria cumprida. "Nós conseguimos contratar com competência esses 92 professores e hoje os alunos já sentem essa melhoria nas salas de aulas", afirma.

A realização desses concursos é uma atribuição da Seção de Apoio Acadêmico que, nas palavras dele, realiza um trabalho extremamente meticuloso, respeitando o regimento geral da USP e o da FFLCH. Segundo Clóvis, entre 2002 e 2006 foram contratados cerca de 130 professores. "Foi um desafio cumprido à risca, não tivemos nenhum problema em relação ao aspecto formal dos concursos, à transparência e à lisura", enfatiza.

Questionado sobre as principais dificuldades da área acadêmica, ele afirma que não vê problemas e sim desafios. Um deles seria a centralização das três Seções de Alunos em um único local, visando aproximá-las da Comissão de Graduação e melhorar o atendimento ao corpo discente. A idéia é que o atendimento seja feito das 9 às 21 horas, abrangendo todos os períodos de aulas. Hoje, a Seção de Alunos das Letras funciona pela manhã e entre o final da tarde e o início da noite. Nas outras duas (a de Filosofia e Ciências Sociais e a de História e Geografia) o atendimento se dá no começo da tarde e à noite da noite. "Os alunos têm um atendimento bom, mas ainda não é o ideal. Gostaria que eles tivessem um tempo maior para expor seus questionamentos e também uma resposta rápida por parte da administração", explica.

Segundo Clóvis, como as Seções ocupam salas de aulas, a centralização poderá liberar espaços que serão melhor aproveitados para fins didáticos. Além disso, a concretização dessa proposta, que é uma das metas da

gestão do atual diretor, Prof. Dr. Gabriel Cohn, permitirá um remanejamento no horário dos servidores, proporcionando-lhes a opção de fazerem cursos de qualificação. "A Faculdade deve ter um tripé bem estruturado, composto por um bom atendimento aos alunos, uma boa capacitação dos funcionários e um bom ambiente de trabalho", justifica.

Um outro desafio que ele espera superar em breve é a questão dos espaços na Faculdade. Na sua opinião, há dois setores da sua área que mais sofrem com isso. Um é a Seção de Apoio Acadêmico, que recebe grande volume de material comprobatório dos candidatos aos concursos, tais como livros, teses e publicações. Outro é o Setor de Apoio aos Ex-alunos, onde são guardados os prontuários dos estudantes e os programas das disciplinas, desde as primeiras turmas. "Esse acervo é uma jóia rara que possui mais de 70 anos de história", afirma.

Um outro ponto destacado pelo assistente é a reposição dos professores da unidade. Como um grande número de docentes está numa idade próxima à aposentadoria, um dos grandes desafios é repor com qualidade esse quadro "altamente qualificado". "A FFLCH é o núcleo duro da USP em termos de pesquisas e de docência. Nossos professores são referências nacionais e internacionais", destaca. A quantidade de funcionários também é uma de suas preocupações. Clóvis lamenta o quadro insuficiente no Apoio Acadêmico, nas Seções de Alunos, no Serviço de Pós e em alguns Departamentos.

Ele finaliza ressaltando que a Assistência Acadêmica já tem um trabalho consolidado ao longo dos anos, "o que também é mérito das gestões passadas". Para Clóvis, o diferencial da FFLCH em relação as outras unidades da USP está no seu criticismo e na motivação e comprometimento dos funcionários com a Faculdade.

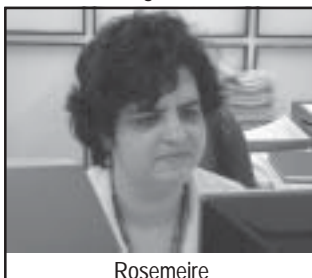
Número de Funcionários por setor

- Assistência Acadêmica: 2
- Comissão de Pesquisa: 3
- Seções de Alunos: Filosofia e Ciências Sociais: 5; Geografia e História: 7; Letras: 7; e 1 coordenador geral
- Seção de Apoio Acadêmico: 2 funcionários e 1 monitor bolsista
- Serviço de Assistência ao Ensino de Graduação: 4
- Serviço de Cultura e Extensão Universitária: 4 funcionários, 1 monitor e 2 estagiários
- Serviço de Pós-graduação: 5 funcionários e 1 monitor
- Setor de Apoio aos Ex-alunos: 1

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA AO ENSINO DE GRADUAÇÃO E COMISSÃO DE GRADUAÇÃO E ESTÁGIOS

POR ALINE VICENTE MIGUEL

O Serviço de Assistência ao Ensino de Graduação é responsável por secretariar e fornecer suporte à Comissão de Graduação, presidida pelo professor Roberto Bolzani Filho e à Comissão de Estágios, cujo coordenador geral é este mesmo docente.



Rosemeire

Segundo Rosemeire Bernini Angelocci de Figueiredo, chefe do Serviço, dos quatro funcionários que fazem parte da equipe, dois deles assessoram o Presidente da Comissão de Graduação. Eles também são responsáveis pelo andamento dos diversos requerimentos de alunos, encaminhados diariamente pelas Seções de Alunos, Departamentos e outras unidades; pela elaboração e encaminhamento de ofícios tanto à Pró-Reitoria de Graduação quanto aos diversos Departamentos, Seções, Comissões e Órgãos dentro da USP e fora da Universidade; por assessorar as reuniões do Colegiado e da Comissão de Estágios, e elaborar as convocações para as reuniões das duas Comissões, fazendo suas pautas e atas.

Cabem a esses funcionários, também, a conferência das propostas das estruturas curriculares de cada curso e de cada habilitação da FFLCH, tanto no papel como no Sistema Júpiter, realizando os procedimentos necessários para que as mesmas cheguem à Reitoria. Além disso, eles devem dar andamento às solicitações dos alunos e professores da Faculdade, referentes à auxílios financeiros para a participação em atividades acadêmicas dentro e fora do país, e para a organização de eventos voltados à graduação.

Os outros dois funcionários são responsáveis pela parte dos estágios. Segundo José Luís Martins de Oliveira, chefe substituto, existem hoje mais de 3000 alunos dos diversos cursos da FFLCH fazendo estágios, sendo que quase 700 tiveram início neste ano. Ele, entretanto, ressalta que o estágio não é obrigatório para os estudantes da Faculdade. "Essa atividade é uma oportunidade para que eles adquiram experiência profissional", afirma.

José explica que a empresa concedente do estágio deve firmar um convênio com a unidade. Feito isso, é elaborado um termo de compromisso entre a empresa, o aluno, e a FFLCH, dentro do modelo aprovado pela Reitoria e que consta na página www.fflch.usp.br/graduacao. Os alu-

nos só podem iniciar os estágios depois que o convênio for aprovado e assinado pelo Diretor da Faculdade. Assim, os funcionários do Serviço são responsáveis pela conferência de toda a documentação trazida pelos estudantes, a qual é enviada para a Diretoria, quando se tratar de Convênios Empresa-Escola. Já os termos de compromissos são encaminhados para os professores supervisores de estágios de cada um dos cursos. Eles emitem pareceres sobre os termos e os devolvem para o Serviço. Os funcionários separam os que foram aprovados e os encaminham para que o professor Bolzani assine esses termos.

O professor explica que o estágio deve ser um meio para que o aluno se familiarize com um ramo de atividades que ele seguirá depois que terminar seu curso. "Mas o que está acontecendo é que os estágios estão virando empregos. Muitos alunos sobrevivem com essa atividade e a idéia não é essa", diz. Assim, o desafio da Comissão de Estágios é fornecer uma chance para que os alunos tenham uma fonte de renda (muitos estudantes não conseguem terminar o curso se não trabalharem), mas também evitar que eles sejam objetos de subempregos. Há, por exemplo, casos de estágios que exigem demais dos estudantes e eles acabam faltando às aulas. "O meio não pode virar fim. Não podemos permitir que o aluno coloque o curso em segundo plano", destaca o professor.

Por isso, há algumas regras em relação a essa atividade. Alunos do primeiro ano da FFLCH estão proibidos de estagiar pois, segundo o professor Bolzani, esse ano é decisivo, é quando o aluno vai se adaptar ou não. Ele também defende que dado o crescimento da demanda, o setor de estágios deveria se transformar em um setor independente.

Quanto à Comissão de Graduação, ele explica que cabe a ela aplicar as regras do Regimento Geral da USP às solicitações dos mais de 11 mil graduandos da FFLCH, as quais são referentes, por exemplo, a trancamentos de matrículas, matrículas fora do prazo, reingresso ao curso após jubramento, etc. Ele cita um exemplo: se um estudante não conseguir terminar seu curso em 8 anos, o Regimento determina que ele está automaticamente jubilado. A Comissão aplica essa regra, mas o aluno tem direito a entrar com recurso e solicitar que seu reingresso seja avaliado pelo mérito e

não pelo regulamento. Assim, essa Comissão encaminha o pedido para o coordenador do curso, o qual vai analisar o histórico do estudante e ver se ele realmente merece uma segunda chance.

Uma outra função do presidente é manter uma interlocução com o Conselho de Graduação da USP, atendendo às suas solicitações. Bolzani explica que nas reuniões (que ocorrem uma vez por mês), a Comissão deveria discutir maneiras de tornar os cursos melhores. “Mas não conseguimos fazer isso. A FFLCH é tão grande que passamos a reunião inteira analisando as solicitações dos alunos e deliberando sobre as exigências do Conselho”, lamenta.

Ele também ressalta que pretende coordenar uma discussão sobre os cursos noturnos. Segundo ele, como o poder aquisitivo dos alunos da FFLCH está cada vez mais baixo, eles precisam estagiar para trabalhar, o que aumenta a demanda para as aulas nesse período. Assim, ele defende que os cursos noturnos devem receber uma qualidade maior.

Tanto Bolzani quanto os funcionários acreditam que um dos maiores problemas do Serviço é o quadro reduzido de servidores.

Membros titulares da Comissão de Graduação

- Prof. Dr. Roberto Bolzani Filho – Presidente (Departamento de Filosofia)
- Prof. Dr. Amâncio Jorge Silva Nunes de Oliveira (Departamento de Ciência Política)

Funcionários

- Rosemeire Bernini Angelocci de Figueiredo – técnica acadêmica e chefe do Serviço
- José Luís Martins de Oliveira – técnico acadêmico e chefe substituto
- Alda Josélia Rodrigues Reveill – técnica acadêmica
- Ezequiel Paulo de Souza – técnico administrativo



José Luís



Ezequiel

- Prof. Dr. Gildo Magalhães dos Santos Filho (Departamento de História)
- Prof. Dr. Heitor Frúgoli Júnior (Departamento de Antropologia)
- Prof. Dr. Jorge Mattos Brito de Almeida (Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada)
- Profª. Dra. Laura Patrícia Zuntini de Izarra (Departamento de Letras Modernas)
- Profª. Dra. Luciana Raccanello Storto (Departamento de Linguística)
- Prof. Dr. Marcos César Alvarez (Departamento de Sociologia)
- Profª. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas)
- Profª. Dra. Suely Ângelo Furlan (Departamento de Geografia)
- Prof. Dr. Sylvio Roque de Guimarães Horta (Departamento de Letras Orientais)

Membros Titulares da Comissão de Estágios

- Prof. Dr. Roberto Bolzani Filho – Coordenador Geral (curso de Filosofia)
- Profª. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick – Vice-Coordenadora (curso de Letras)
- Prof. Dr. Álvaro de Aquino e Silva Gullo (curso de Ciências Sociais)
- Profª. Dra. Sylvia Basseto (curso de História)
- Curso de Geografia – aguardando nomeação.

SERVIÇO DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO E SEÇÃO DE ALUNOS

POR LÍVIA MAJOR

Cabe às Seções de Alunos de Filosofia/Ciências Sociais; Geografia/História; Letras e Apoio aos Ex-Alunos, o atendimento a todo o corpo discente da FFLCH, ao nível de graduação, sendo responsável pelo controle da vida escolar de todos os alunos nos Cursos de Graduação (bacharelado e licenciatura).



Hilton

O Serviço de Alunos de Graduação, cujo chefe é o Sr. Hilton José Soares, tem como objetivo principal a organização dos assuntos de graduação, visando à execução da legislação de ensino e as normas, asses-

sorando à Assistência Acadêmica, Comissões e Departamentos na área de graduação e nas informações técnicas.

Nesta tarefa, tem como obrigação o respeito ao calendário escolar da USP, o correto cumprimento da legislação de ensino superior, o adequado encaminhamento das decisões da Comissão de Graduação, CTA e Congregação, além do respeito à orientação advinda da Pró-Reitoria de Graduação e da Assistência Acadêmica, a quem está subordinado diretamente.

Entre outras atividades, elabora planilhas de estudos, levantamentos de dados estatísticos e relatórios do corpo discente, bem como a manutenção dos prontuários de ex-alunos desde a criação em 1934 e os documentos oriundos da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Para o melhor atendimento dos alunos, as Seções de Alunos estão instaladas nos conjuntos didáticos da FFLCH, prestando diferentes serviços à comunidade, tais como emissão de diplomas, atestados, históricos escolares, currículos, certificados, processamento de matrículas, inscrições para transferências, bolsa de estudos, transferências, colação de grau, intercâmbio acadêmico e requerimentos diversos.

A FFLCH possui 11.081 alunos na graduação, com a admissão anual por meio de concurso vestibular de 1.669 alunos. Encontram-se catalogados aproximadamente 80.000 prontuários de ex-alunos desde 1934 e com previsão final do acervo em 100.000, cuja manutenção vem sendo realizada pelo Setor de Apoio aos Ex-Alunos.

Cada Seção tem uma particularidade, mas existem funções base para qualquer Seção de Alunos. Estas atividades estão voltadas principalmente para o atendimento ao estudante: "Nossa principal função é acompanhar a

vida acadêmica do aluno", destaca Rosa Maria, responsável pela Seção de Alunos do prédio de História e Geografia. Emissão de atestados e históricos, matrículas, transferências, recepção dos calouros e emissão de diplomas são algumas das atividades realizadas nas Seções. Ela afirma que apesar do sistema de optativas e eletivas da USP, as Seções de cada Unidade não têm ligação alguma entre si, exceto quando o aluno se cadastra para determinada disciplina e não consegue a vaga. Nesse caso, a Seção faz um requerimento e envia para a Faculdade correspondente.

As tarefas estão atreladas ao calendário escolar da USP. Antônio Aparecido Cerialli responsável pela Seção de Alunos do prédio de Letras explica: "O semestre começa com a digitação das notas do semestre anterior. Em seguida vem o período de matrícula e retificação. Há também as especificações do aluno calouro, pois temos que cadastrar os dados pessoais desses estudantes nos sistema".

Durante os períodos de férias, os alunos e professores descansam, mas as Seções não: "Muito pelo contrário. É a época em que mais trabalhamos", conta Antônio. Isso porque é nessa época que todas as notas são digitadas e as matrículas são consolidadas. A Internet facilita o trabalho, mas muitos ainda não usam a web. Muitos professores preferem passar as notas por escrito e muitos alunos acabam fazendo as matrículas também pelo papel, e, portanto, a Seção tem que digitar todas essas informações. "Além disso, nas férias há mais colação de grau, concursos e emissão de documentos", acrescenta Rosa.

Em relação ao serviço de Alunos de Graduação, Hilton afirma que o principal problema é a distância física entre as Seções: "Temos dificuldades em relação ao número de funcionários. Se estivéssemos em um único espaço, resolveríamos esse problema. Além disso, o serviço seria mais ágil, já que os papéis têm um fluxo muito grande dentro da Universidade, mas estando em um único lugar, muitas etapas seriam eliminadas. Deveríamos seguir um modelo biblioteca, com o atendimento centralizado", afirma Hilton.

Antônio concorda e explica que embora as Unidades tenham autonomia para gerenciar os cursos, são subordinadas à Reitoria e qualquer tipo de trâmite deve passar por todas essas instâncias: "Os papéis rodam demais aqui na Universidade", afirma ele. Além disso, especificamente na Letras, o principal problema é a falta de funcionários, diz Antônio: "Temos cerca de cinco mil alunos

e oito funcionários para cuidar de toda essa estrutura". Já nas outras seções o número de servidores é suficiente. Na História e Geografia a equipe é formada por sete pessoas e em Ciências Sociais, cinco.

Na Seção de História e Geografia, a principal dificuldade segundo Rosa é o atraso na entrega das notas, pois o Sistema Júpiter possui prazos rigorosos que devem ser cumpridos de acordo com o calendário. José Eduardo Batista, responsável pela Seção no prédio de Ciências Sociais exemplifica: "Se um aluno tenta se matricular em uma disciplina obrigatória que precisa de requisitos, e o professor não entrega a nota referente à matéria anterior, não podemos efetivar a matrícula, e o estudante fica com um horário pendente". Por isso, Antônio afirma que o calendário da Universidade deveria ser mais flexível e respeitar as diferenças entre cada Faculdade.

Segundo Hilton, o grande objetivo é aprimorar o serviço para que todas as Seções tenham o mesmo padrão de atendimento.

Funcionários:

SEÇÃO DE ALUNOS DE LETRAS

- Antonio Aparecido Cerialli

- Cláudio de Souza
- Geiza Aparecida M. Martinez
- Leander Daniel Pedroso
- Marcelo Luciano Gonçalves
- Newton Santa Paula
- Rosely de Sá Oliveira
- Vera Lúcia Simões dos Santos Carvalho

SEÇÃO DE ALUNOS DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

- Cassius César Paulino
- Daniela Érika Teixeira Belarmino
- Gizelda Angelina Oricchio
- Francis Toyama
- José Eduardo Batista

SEÇÃO DE ALUNOS DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

- Edinei Aparecido Cerialli
- Ivonete Ciriaco Aragão da Silva
- Marcia Regina de Jesus
- Maria do Socorro Monteiro Rolim
- Maria Julia de Macedo Santos
- Rosa Maria Brecht Palos
- Thiago Ribeiro Cappelato



Vera



Gizelda, Maria Julia, Marcia
Thiago, Eduardo, Francis e Cassius



Atendimento aos alunos



Gizelda



Orientação aos alunos



Maria Julia e Rosa Maria

SETOR DE APOIO AOS EX-ALUNOS

POR ALINE VICENTE MIGUEL



Kao

A importância do Setor de Apoio aos ex-alunos está nos seus arquivos, que se constituem em um acervo histórico. Nesse setor, estão guardados todos os prontuários dos diplomados pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas desde a fundação da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1934.

Segundo Kao Shu Ling, funcionária do setor, há mais de 65 mil prontuários já arquivados no computador. No setor também estão guardados boletins de notas (que, segundo ela, estão incompletos, pois nos últimos tempos os Departamentos estão guardando apenas os de cinco anos para trás), boletins de notas dos vestibulares (quando eles não eram feitos pela Fuvest e sim pela própria Faculdade) e os programas das disciplinas, desde a

implantação dos primeiros cursos em 1934.

Kao explica que as Seções de Alunos da FFLCH solicitam ao setor esse prontuários para que, de acordo com eles, sejam feitas uma segunda via do diploma, um histórico escolar final, um certificado de conclusão ou até mesmo um histórico escolar não concluído dos ex-alunos da unidade. Há também casos de pessoas que já se formaram aqui e resolvem cursar outra faculdade. Assim, elas devem solicitar ao setor o programa de cada disciplina aprovada para pedir dispensas no novo curso.

Ela ressalta que está cadastrando os prontuários num banco de dados, para facilitar a sua localização nos arquivos. "Estamos mudando a maneira de guardá-los, passando do sistema antigo para o moderno", afirma.

Ela também explica que o acervo cresce a cada ano e, em breve, podem ocorrer problemas por falta de espaços. "Acho que a Faculdade deve analisar o que fazer com esse material", finaliza.

SERVIÇO DE PÓS-GRADUAÇÃO

POR ALINE VICENTE MIGUEL

O Serviço de Pós-Graduação (SPG) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP é responsável, entre outras atividades, pela organização de todas as defesas de dissertações de mestrado e de teses de doutorado da Unidade. Isso abrange o controle da vida acadêmica dos alunos de Mestrado e Doutorado, desde o ingresso até a defesa.



Regina

Regina Celi Sant'Ana, chefe do Serviço, explica que além de assessorar a Comissão de Pós-Graduação (CPG) e atender aos alunos e docentes, ela e sua equipe realizam o atendimento às inscrições e matrículas de alunos ingressantes, especiais e UNESP/UNICAMP. Segundo Regina, a partir do próximo semestre as matrículas dos alunos ingressantes serão feitas exclusivamente *on-line*, assim como já ocorre com as matrículas dos alunos regulares.

O Serviço também é responsável pela preparação

de todas as defesas de mestrado e doutorado. Concluído o trabalho, o aluno deve entregar os exemplares de sua dissertação ou tese no Serviço. A partir daí, a equipe deve organizar a banca e submetê-la à aprovação da CPG. Aprovada a banca, o professor orientador marca a data da defesa e os funcionários devem fazer a reserva de hotéis e passagens para os participantes. Ao final da sessão de defesa, a presidência da banca requisita um funcionário do SPG para colher as assinaturas de praxe, bem como entregar aos docentes externos à USP os cheques referentes ao pagamento de pró-labore de participação.

A FFLCH conta, hoje, com 25 programas de pós-graduação. Atualmente, ocorrem em média 70 defesas por mês, sendo que de 1942 a 2000 foram defendidas 3059 dissertações de mestrado e 2656 teses de doutorado.

A chefe do Serviço explica que o maior problema que enfrenta é o número insuficiente de funcionários: são apenas cinco, mais um monitor e um estagiário. Segundo Regina, a equipe, que foi renovada recentemente, dedica-se ao máximo para manter a qualidade da prestação do serviço, mesmo com o sacrifício individual de

cada funcionário. Para ela, a equipe sofre as consequências da dificuldade na reativação das vagas fechadas. “Tivemos uma funcionária que se desligou da Universidade em março de 2005 e ainda não conseguimos reativar a vaga para contratarmos outro funcionário”, explica.

Regina considera que a pós-graduação é uma atividade extremamente importante para a Faculdade, pois forma os professores que atuarão não apenas na USP, mas também em outras instituições brasileiras e estrangeiras. “É a grande formadora de Doutores no Brasil”, afirma. Desse modo, ela defende que o Servi-

ço mereceria mais atenção no que diz respeito às condições de trabalho, que hoje está centrada no comprometimento muito além do exigido no contrato de seu pessoal. “Não estamos pedindo nada de extraordinário, apenas uma sensibilidade maior da Universidade, principalmente no que toca à reposição de vagas que já nos pertencem e que foram desativadas pela saída voluntária dos funcionários que as ocupavam. Essas vagas, quando são fechadas por demissão ou aposentadoria do funcionário deveriam ser reativadas de imediato”, finaliza.

Funcionários

- Bruno Emérsom Boaro - estagiário
- Carlos Miquéias Araújo Pereira
- Celso Joaquim Jorgetti Junior – monitor
- João Gabriel Nogueira Romano
- Julio Henrique Hiroyuki Fuji
- Néelson Alves Caetano



Celso



Bruno



Nelson



Julio



João

COMISSÃO DE CULTURA E EXTENSÃO (CCEX) E SERVIÇO DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

POR ALINE VICENTE MIGUEL

A Comissão de Cultura e Extensão da FFLCH trabalha para auxiliar a USP a cumprir um de seus papéis fundamentais: dividir o conhecimento produzido com a sociedade. Essa socialização é feita por meio da realização de cursos, eventos e projetos, voltados não apenas à comunidade uspiana, mas também à comunidade externa.

A professora Arlete Orlando Cavaliere, presidente da Comissão, explica que cabe à presidência encaminhar as propostas relativas aos diversos Departamentos da FFLCH ao Conselho de Cultura e Extensão da Pró-Reitoria e trazer as questões da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão para a discussão entre os professores da unidade.

A professora também ressalta que os cursos oferecidos estão, em sua maioria, articulados com projetos de pesquisas dos diferentes departamentos e de seus docentes. Desse modo, a variedade é bem ampla. Há desde cursos de idiomas, como inglês, espanhol, alemão, francês, italiano e russo, até alguns específicos, como

por exemplo: A Vida Cotidiana no Egito Antigo, Aramaico Bíblico, Aspectos da Cultura e da História do Negro no Brasil, Estudos de Textos em Francês na Área Jurídica, Línguas Neolênica e Ídiche, entre outros. A cada três meses, a agenda cultural é modificada e novos cursos são inseridos.

Segundo ela, na Faculdade também existem vários projetos contemplados pelo Fundo de Cultura e Extensão da Pró-Reitoria. Entre eles, estão alguns relacionados ao estudo dos povos indígenas, à alfabetização de adultos na região do Butantã e a temas como migração, cinema e história. “Os resultados de cada projeto incluem a produção de CD-ROM, livros, filmes, documentários e materiais bibliográficos”, explica a presidente da CCEX. Além disso, alguns dos eventos são anuais, como por exemplo, a Semana de Geografia, que envolve professores e alunos de escolas da rede pública municipal e estadual.

A Comissão é assessorada pelo Serviço de Cultura e



Cristiane

Extensão Universitária. Segundo Cristiane Malishesqui Reina, chefe do Serviço, a equipe é responsável pela organização administrativa dos cursos, isto é, atendimento aos alunos e interessados, realização de matrículas, divulgação das atividades e expedição de certificados. Por exemplo, se determinado docente está interessado em

oferecer algum curso, ele deve submeter primeiramente a proposta ao Conselho de seu Departamento, que encaminhará para a análise e aprovação da CCEX e posterior encaminhamento à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão. Aprovada a proposta, o Serviço faz a divulgação do curso pela Internet e por meio de malas diretas, folhetos e cartazes. As matrículas podem ser feitas pessoalmente ou pela página www.fflch.usp.br/sce.

Cristiane também explica que os cursos possuem uma taxa de inscrição, sendo sorteadas algumas vagas gratuitas: três para a terceira idade e no mínimo três para funcionários, professores e alunos da USP. Funcionários e docentes da FFLCH não pagam e membros da terceira idade e professores da rede pública têm 50% de desconto. Hoje, a Faculdade possui 7500 alunos de Cultura e Extensão, segundo a Assistência Acadêmica. O Serviço conta com quatro funcionários, dois estagiários e um monitor. Apesar de considerar a equipe eficiente, Cristiane afirma que o ideal seria ter mais um funcionário.

Um dos problemas enfrentados pela equipe é a dificuldade de adaptação ao Sistema Apolo, implantado pela Pró-Reitoria para a realização das matrículas. Segundo Cristiane, esse sistema não contempla as inscrições para os testes de nível dos idiomas. "O Apolo não sabe diferenciar quais alunos estão inscritos para os testes e quais estão matriculados de fato. Assim, temos trabalhado com três sistemas: a Internet, para as inscrições dos testes; um sistema financeiro que gera os boletos para pagamentos, e o Apolo, para as matrículas", explica.

Já a professora Arlete Cavaliere cita um outro proble-

ma. Periodicamente, os coordenadores dos cursos devem produzir relatórios para o controle financeiro na Pró-Reitoria. Para a presidente, essa atividade técnica sobrecarrega o trabalho dos docentes. "Eles coordenam os cursos, os projetos e a parte acadêmica. Talvez fosse mais indicado que técnicos financeiros da própria Pró-Reitoria de Cultura e Extensão fossem os responsáveis por tais relatórios", diz.

A presidente deixa claro que o objetivo principal das atividades promovidas pela Comissão é estender à sociedade uma reflexão crítica quanto aos fatos e aos conhecimentos transmitidos. "Buscamos oferecer não somente um curso, uma atividade ou um evento, mas, sobretudo, um estímulo para fazer com que a sociedade pense, critique e observe os fatos da cultura", explica. A importância das atividades da CCEX está, desse modo, na viabilização da relação transformadora entre a Universidade e a sociedade.

Membros Titulares da Comissão

- Prof^a. Dra. Arlete Orlando Cavaliere (presidente – Departamento de Letras Orientais)
- Prof^a. Dra. Ana Cláudia Duarte Rocha Marques (Departamento de Antropologia)
- Prof^a. Dra. Cleide Rodrigues (Departamento de Geografia)
- Prof. Dr. Fernando Antonio Pinheiro Filho (Departamento de Sociologia)
- Prof^a. Dra. Giliola Maggio de Castro (Departamento de Letras Modernas)
- Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes (Departamento de Linguística)
- Prof. Dr. José Alcides Ribeiro (Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas)
- Prof. Dr. Leandro Piquet Carneiro (Departamento de Ciência Política)
- Prof. Dr. Marcos Francisco Napolitano de Eugênio (Departamento de História)
- Profa. Dra. Regina Lúcia Pontieri (Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada)
- Departamento de Filosofia: aguardando indicação.

Funcionários

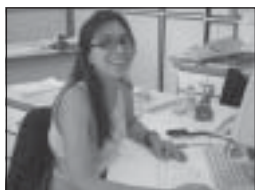
- Cristiane Malishesqui Reina – chefe do Serviço
- Daniela Semenzi – estagiária
- Frank Nabeta – técnico acadêmico
- Lílian Tones da Silva – estagiária
- Maria Angela Borges – técnica acadêmica
- Normando Peres Silva Moura – técnico acadêmico
- Renata Añez de Oliveira - monitora



Maria Angela



Frank



Renata



Normando

COMISSÃO DE PESQUISA

POR LÍVIA MAJOR

A Comissão de Pesquisa é um dos setores da área acadêmica e pretende promover e estimular a pesquisa em todos os âmbitos da Faculdade. As principais funções são o encaminhamento dos processos e gerenciamento das pesquisas. Pós-graduação, Graduação, Cultura e Extensão e Pesquisa são as quatro comissões estatutárias da Universidade e correspondem às quatro Pró-Reitorias. No entanto, essa divisão nem sempre é adequada, já que a área da pesquisa, por exemplo, não se restringe à Comissão correspondente. Além disso, o professor Moacyr Novaes, presidente da Comissão, destaca que esta não esgota ou absorve toda a atividade de pesquisa que é feita na FFLCH. Esse setor tem três âmbitos principais de atuação: iniciação científica, pesquisa do pós-doutorando e dos docentes em geral.

A Iniciação Científica é um projeto de pesquisa voltado para o aluno da graduação: "A iniciação é definida por uma relação individual de orientação entre um professor e um graduando e concerne aos primeiros procedimentos de uma investigação acadêmica ou científica", explica o professor. As atividades de pesquisa feitas através da iniciação podem ser feitas com bolsas oferecidas pelas agências tradicionais de fomento à pesquisa, ou sem esse tipo de auxílio.

No caso de iniciações com bolsa, as principais agências participantes desse processo são a Fapesp, Capes e CNPq. Essa última destina as bolsas à Universidade através do Pibic (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica): "Há uma cota destinada à USP. O número de bolsas atribuídas à Faculdade varia a cada ano, conforme as solicitações dos docentes", afirma Moacyr.

Além dessas agências, a própria FFLCH também instituiu um programa de auxílio, que concede 16 bolsas administradas pela Comissão de Pesquisa. A seleção dos estudantes é feita pelos mesmos critérios do Pibic.

No entanto, umas das principais preocupações da Comissão está relacionada à Iniciação Científica sem bolsa: "Nos preocupamos em fomentar a iniciação sem bolsa", diz o professor. Para valorizar essas pesquisas, há duas estratégias: estimular o registro e acolher atividades voltadas para

o aluno do período noturno. O registro busca formalizar a pesquisa, possibilitando ao aluno a obtenção de um certificado e o reconhecimento oficial de sua pesquisa, mediante algumas obrigações a serem cumpridas pelo estudante. Além disso, os departamentos são estimulados a terem políticas de inclusão do aluno noturno, que geralmente não consegue a bolsa por já ter uma atividade remunerada.

Outro âmbito de atuação da Comissão é a pesquisa do pós-doutorando, voltada para os professores doutores ou recém-doutores que têm um estágio de pesquisa na Faculdade associado a um docente supervisor: "São professores de outras Universidades, com uma formação já consolidada, ou professores que recentemente acabaram o doutoramento e vêm fazer uma pesquisa aqui", explica Moacyr.

Com relação aos docentes, uma das funções é auxiliar na captação de financiamento para as pesquisas. Os recursos são obtidos principalmente nas linhas de fomento da Pró-Reitoria de Pesquisa. Um exemplo é o Projeto 1, criado para oferecer verbas complementares a professores da USP cujos projetos de pesquisa foram qualificados por agências de fomento nacionais e estrangeiras.

Segundo o professor Moacyr, o grande desafio para a Comissão é promover um fluxo de informação e uma percepção mais geral do que é pesquisa na Faculdade, pois os alunos e professores têm uma visão muito parcial da pesquisa. Nesse sentido, a Comissão vem realizando diversas atividades, como seminários multidisciplinares que pretendem estimular uma maior comunicação entre as diversas áreas de pesquisa. Esse trabalho pode ser ampliado, principalmente através dos pós-doutorandos. Além disso, a Comissão estimula os professores a pedirem bolsas de pesquisa e já publicou duas coleções com pesquisas de Iniciação Científica que pretendem divulgar este trabalho. "Nosso papel pode ser simplesmente o de um cartório, que carimba o pedido e o encaminha. Mas nós queremos ampliar isso, através da orientação e do estímulo à pesquisa. Porque os pedidos são poucos, mas as possibilidades são muitas", destaca o professor.



Rose Mary



Paltonio



Eliana

SEÇÃO DE APOIO ACADÊMICO

POR ALINE VICENTE MIGUEL

O foco da Seção de Apoio Acadêmico é a realização de concursos públicos e processos seletivos para a contratação de docentes nas diversas categorias: Assistente, Auxiliar de Ensino, Professores Doutores, Livre-Docentes e Titulares.



Kely Cristine

Kely Cristine Soares da Silva, chefe da Seção, explica os procedimentos para a realização de cada concurso. Primeiramente, publica-se o edital no Diário Oficial. Ele também fica disponível no site da FFLCH (www.fflch.usp.br)

durante 30 dias no caso de concursos para Professor Doutor; 15 dias para Livre-Docente (cujo concurso é aberto semestralmente), e 180 dias no caso de Professor Titular. Após o término das inscrições, cabe à Congregação a homologação dessas inscrições e da Comissão Julgadora. Esta é composta por cinco professores: dois da FFLCH e três de outras instituições, os quais são indicados pelo Departamento. Os concursos devem ser realizados num prazo de 30 a 120 dias após a homologação.

Por exemplo, no primeiro dia de concurso para Professor Doutor, os candidatos tomam ciência do calendário e de uma lista contendo dez pontos preparada pela Comissão Julgadora para a prova escrita, pertinente ao programa publicado no edital. Em seguida, ocorrem as arguições dos memoriais, uma espécie de entrevista sobre a trajetória acadêmica de cada um. No segundo dia, vinte e quatro horas após a ciência da lista, é sorteado um ponto para a realização da prova escrita. Se o concurso é para professor de Literatura Brasileira, por exemplo, os pontos podem ser Machado de Assis, José de Alencar, entre outros. Todos os candidatos devem discorrer sobre o ponto sorteado durante cinco horas, sendo uma hora de consulta a livros e documentos bibliográficos. Ao término da prova, elas são lidas publicamente pelo candidato perante a Comissão Julgadora. Essa leitura é seguida da ciência e do sorteio do ponto para a prova didática. Sua realização se dá vinte e quatro horas após o sorteio do ponto e o prazo para a sua realização é de 40 minutos no mínimo e de 60 no máximo. É vedado ao candidato abrir mão das 24 horas. Esse é o concurso para provimento de cargo para Professor Doutor.

Já o concurso para a obtenção do título de Livre-Docente é direcionado para aqueles que já possuem a titulação de Doutor. Nesse concurso, além das Provas Escritas e Didáticas e da arguição do memorial, há uma defesa de tese. Toda a produção acadêmico-institucional do pesquisador também é avaliada pela Comissão.

O último concurso da carreira docente é o de Professor Titular, no qual o candidato apresentará toda a sua trajetória acadêmica e profissional na área a que concorre. Nessa etapa, há três procedimentos: a Arguição de Memorial, a prova oral de erudição e o julgamento dos títulos do candidato. Na opinião de Kely, dada a importância desse tipo de concurso, assim como o de Livre-Docente, eles deveriam ser melhor divulgados pela Faculdade no âmbito da USP. "Nós encaminhamos o calendário de provas aos Departamentos no primeiro dia do concurso, após a deliberação da Comissão Julgadora. Mas deveria ser uma divulgação mais ampla, pois os candidatos geralmente são docentes reconhecidos e conceituados na Universidade, sem falar na importância de suas trajetórias", afirma.

Segundo Kely, são realizados, em média, quatro concursos por semana. Mas ela afirma que o ideal seriam dois. Isso para um bom andamento dos procedimentos que devem ser tomados antes da realização do concurso em si. Se houver cinco candidatos, o concurso dura três dias. Passando esse número, estendem-se por mais de uma semana, dependendo da quantidade de candidatos.

A Seção conta com duas funcionárias: Kely e Geralda de Fátima Contessoto, além do monitor bolsista recém-contratado, Alexandre Ganan de Brites Figueiredo, cuja supervisão das atividades cabe ao Assistente Acadêmico. Kely ressalta que o desafio diário da seção é "fazer as coisas funcionarem mesmo da maneira precária com a qual temos trabalhado". "Cada vez que um concurso termina sem maiores problemas é como se vencêssemos junto com os candidatos, pois ali constatamos que o nosso trabalho, apesar de todas as dificuldades, teve sucesso e atingiu a meta final", afirma.

Além da realização dos concursos, Kely e Fátima também são responsáveis pela infra-estrutura e pela organização para a realização das provas, o que inclui: conciliar



Fátima

a agenda dos cinco professores da Comissão, encaminhar toda a documentação pertinente ao concurso para esses membros (sugestão do calendário, edital, homologação, memorial do candidato, ofício de convocação, entre outros), providenciar a compra de passagens, pagamentos de pró-labore, reservas de salas, reservas de hotel e de veículos para os docentes, e o reembolso de despesas, como alimentação e transporte.

“Em uma rotina normal de trabalho, as reservas e a documentação para os reembolsos e pagamentos deveriam estar prontos quinze dias antes do concurso”, explica Kely. Porém, devido ao número insuficiente de funcionários, essas tarefas são feitas em menos de uma semana antes das provas. Sua maior preocupação é com o produto final do trabalho. “Contamos com a valiosa colaboração de Rosângela Duarte Vicente (secretária da Comissão de Cooperação Internacional da FFLCH) e Kely Cristina Martins Mendonça (secretária da Assistência Acadêmica). Apesar dos esforços das duas colegas, o volume de trabalho é muito grande”, lamenta Kely.

Um outro problema citado é a quantidade insuficiente de equipamentos para a realização dos concursos. Segundo ela, existe uma Portaria da Faculdade que regulamenta o uso de computadores para as provas escritas e didáticas. Porém, quando há muitos candidatos, o número de equipamentos não é suficiente. Kely lembra

que a Administração da FFLCH possui apenas dois datashows (um do Serviço de Pós-Graduação e outro do Serviço de Licitações), que, quando estão sendo utilizados, obriga-a a recorrer a empréstimos dos outros Departamentos.

A chefe da Seção explica que parte do trabalho referente aos dados dos docentes envolve a seção financeira, que precisa dessas informações para efetuar os pagamentos. Para ela, isso seria agilizado por meio da criação de um banco de dados unificado entre a Seção, os Departamentos, o Serviço de Pós e a Tesouraria, contendo as informações sobre os docentes que participam ou já participaram de atividades da Faculdade.

Segundo Kely, a Faculdade funcionaria melhor e atingiria seu objetivo se os professores, funcionários e alunos pensassem na FFLCH como um todo. Na sua opinião, não existe uma posição de unidade por parte de muitos servidores das diversas áreas. “Se pensássemos que o nome da Faculdade tem grande repercussão e que isso se deve ao fruto de nosso trabalho, já seria um grande passo”, finaliza.

Funcionários

- Geralda de Fátima Contessoto – técnica acadêmica
- Kely Cristine Soares da Silva – chefe da Seção de Apoio Acadêmico
- Alexandre Ganan de Brites Figueiredo – Monitor Bolsista

DOUTORADOS

“DA PALAVRA AO SILÊNCIO: O TEATRO SIMBOLISTA DE MAETERLINCK”

LARA BIASOLI MOLER

CANDIDATA: Lara Biasoli Moler

PROGRAMA: Língua e Literatura Francesa

TÍTULO: “Da palavra ao silêncio: o teatro simbolista de Maeterlinck”

ORIENTADORA: Profa. Dra. Glória Carneiro do Amaral

BANCA: Profs. Maria Cecília Queiroz Moraes Pinto (FFLCH); Sílvia Fernandes da Silva Telesi (ECA); Adalberto Luís Vicente (UNESP); Luiz Carlos da Silva Dantas (UNICAMP)

RESUMO

Nos últimos anos do século XIX, o poeta, dramaturgo e ensaísta belga Maurice Maeterlinck (1862-1949) concretiza as aspirações teatrais do movimento simbolista com um

conjunto de oito peças, escritas entre 1889 e 1894, que são testemunho não apenas de sua concepção dramática, mas também da própria evolução do teatro simbolista.

Fundamentando-se nas limitações da comunicação verbal e na premissa de um silêncio eloquente, Maeterlinck desenvolve um projeto de reformulação da linguagem dramática que, recentemente, tem sido apreciado do ponto de vista de sua contribuição para a formação do teatro moderno.

Este trabalho tem como objetivo ilustrar o projeto de Maeterlinck por meio de uma apreciação de suas teorias teatrais e de exemplos selecionados de cada uma das oito peças que compõem sua produção simbolista.

VIRGINIA WOOLF E SEUS ENSAIOS: EM BUSCA DE UMA ESTÉTICA LITERÁRIA

MÔNICA HERMINI DE CAMARGO

CANDIDATA: Mônica Hermini de Camargo

ORIENTADORA: Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos

TÍTULO: Virginia Woolf e seus ensaios: em busca de uma estética literária

BANCA: Professores Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos, Maria Elisa Burgos Pereira da Silva Cevasco, Regina Lucia Pontieri, Maria Clara Bonetti Paro e Maria Lúcia de Barros Camargo

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a relação de Virginia Woolf com as influências do modernismo e a interpretação que ela fazia dos processos artísticos e literários do início do século XX. A princípio, nosso objetivo era demonstrar como Woolf definiria e como seria a organização de uma estética literária que fosse abrangente o bastante para inserir todos os movimentos sócio-culturais, artísticos e político-econômicos que eclodiram no período de 1895 a 1945 e que, certamente, marcaram todas as obras literárias produzidas naqueles cinquenta anos.

Ao longo de nossa pesquisa, percebemos que a fragmentação do mundo então conhecido, aparentemente

estável, e as novas exigências que isso impunha à natureza humana – em termos de relações interpessoais, sociais e político-econômicas – aliadas ao golpe da Primeira Grande Guerra impossibilitaram qualquer definição. Além disso, mais do que nunca ficou demonstrada a dificuldade de se explicar o momento histórico em que se vive e as estratégias das quais a arte faz uso para representá-lo.

Apresentamos Woolf sob a luz de alguns de seus ensaios críticos mais importantes e tentamos explicar por que ela sempre parecia deixar o campo de batalha sem exaurir todas as possibilidades das discussões que propunha. Incapaz de compreender a realidade a sua volta como um todo, mesmo diante de seu grande preparo intelectual, elaborou cartas de intenções não muito comprometedoras. Sendo assim, pôde concentrar mais energia em seus experimentos de ficção modernistas em favor da revitalização do romance e na busca de explicações e referências para sua própria atividade literária.

Palavras-Chave: Virginia Woolf, Estética, século XX, Modernismo, busca

MESTRADOS

LITERATURA INGLESA E NORTE AMERICANA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM UNIVERSIDADES PARTICULARES: NOVAS PERSPECTIVAS?

ADRIANA DA SILVA ARAÚJO

CANDIDATA: Adriana da Silva Araújo

PROGRAMA: Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês

ORIENTADORA: Profa. Dra. Walkyria Maria Monte Mór

TÍTULO: Literatura inglesa e norte americana e formação de professores em universidades particulares: novas perspectivas?

BANCA: Professores Walkyria Maria Monte Mor, Lynn Mario Trindade Menezes de Souza e Silvia Simone Anspach

RESUMO

Essa pesquisa qualitativa investiga a leitura do texto literário em aulas de Literatura Inglesa e Norte Americana dentro do curso de Letras em universidades particulares da Grande São Paulo. A pesquisa observa o papel da leitura de textos literários ingleses e norte americanos, visando analisar a competência interpretativa dos alunos do ensino superior. Para tanto, foram observadas e analisadas aulas e entrevistados alunos e professores de li-

teratura inglesa e norte americana. Essa pesquisa também dialoga com outras pesquisas que tiveram como foco a sala de aula de literaturas em língua inglesa no ensino universitário. Duas características se revelam nos dados sobre a educação literária: 1) a transmissão de dados relacionados com o texto literário e 2) a sala de aula de literatura ser vista pelos alunos apenas como um espaço onde se obter informações sobre literatura. Tais observações conduzem à percepção do predomínio da “reprodução de leituras” nessa área. Esses trabalhos também

apresenta resultados de experiências em que a interpretação e a construção de sentidos são enfatizadas nos estudos literários. A proposta pedagógica nas atividades dessas experiências parte da premissa de que as aulas de Literatura Estrangeira constituem um espaço transformados que pode contribuir para o crescimento crítico dos estudantes e para a formação de professores.

PALAVRAS-CHAVE: educação literária, formação de professores, transformação, pós modernidade, pedagogia crítica.

INVESTIGAÇÕES SOBRE A LEITURA ATRAVÉS DO CINEMA NA UNIVERSIDADE: O LETRAMENTO CRÍTICO NO ENSINO DE INGLÊS

DANIEL DE MELLO FERRAZ

NOME: Daniel de Mello Ferraz

ORIENTADORA: Professora Dra. Walkyria Monte-Mór

BANCA: Prof. Dr. Lynn Mario Menezes Teixeira de Souza
Prof. Dra. Denise Bertoli Braga

PROGRAMA: Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês

TÍTULO: Investigações sobre a Leitura através do Cinema na Universidade: o Letramento Crítico no ensino de Inglês

RESUMO

O principal objetivo dessa pesquisa é investigar a leitura de imagens pelo aluno universitário. Essa análise se deu nas aulas de inglês em dois ambientes universitários: uma universidade privada e uma pública ambas do Estado de São Paulo. A importância dos estudos da leitura através da imagem fílmica se dá pelo fato de influenciarem a realidade social. Vimos que esses estudos poderiam se inserir nos novos letramentos, ou seja, numa postura em relação ao educar onde interesses educacionais se engajem pela mudança social, diversidade cultural, igualdade econômica e direito político (Luke & Freedbody 1997:1). Esses estudos foram influenciados pelas teorias Freire que é reconhecido como um dos fundadores da pedagogia crítica. Similarmente importante foram os estudos da filosofia da linguagem que compuseram os estudos base dessa pesquisa e nos permitiram maior entendimento para análise e interpretação dos dados coletados. Alguns teóricos fundamentais para esse embasamento foram Derrida, Foucault, Bakhtin, Bourdieu,

Giroux, Luke, Morin, entre outros.

A primeira etapa consiste em analisar os discursos dos professores e dos alunos no que diz respeito ao que entendem por leitura. Através dos discursos analisados, discutimos também suas visões de pedagogia e letramento. A segunda etapa busca localizar processos de ruptura através de leituras que revelam construções de sentidos pelos alunos. A terceira e última etapa foca os estudos das imagens pelos alunos e professores através de suas visões do que esses estudos possam representar. Para a investigação e análise dos eventos, realizamos uma pesquisa de cunho etnográfico, ou seja, utilizamos algumas das premissas da pesquisa etnográfica, não seguindo, entretanto, estritamente seus métodos de pesquisa. As conclusões parciais revelam que em ambas as universidades há ainda 1. uma necessidade de rever a educação dentro dos novos conceitos de letramentos e pedagogia crítica. 2. que em ambas as universidades (momento na uniA) ainda predominam paradigmas positivistas no ensino de leitura, 3. alunos e professores revelam, em muitos momentos, uma tendência a um reprodutivismo (Bourdieu 1982) e crítico-reprodutivismo (Saviani 1990) 4. em outros momentos, alunos e professores buscaram ao longo dos cursos processos de ruptura através de construções de sentidos.

PALAVRAS CHAVE: pedagogia crítica, letramento crítico, letramento visual, leitura, cinema.

GÓTICO TROPICAL: O SUBLIME E O DEMONÍACO EM O GUARANI

DANIEL SERRAVALLE DE SÁ

NOME: Daniel Serravalle de Sá

PROGRAMA: Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês
Orientadora: Profa. Dra. Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos

BANCA: Eduardo Vieira Martins, Maria Conceição Monteiro, Flávio Wolf de Aguiar (suplente)

TÍTULO: Gótico Tropical: o sublime e o demoníaco em O Guarani

RESUMO

O trabalho que apresento aqui pretende relacionar o romance *O Guarani* (1857), de José de Alencar, com os principais romances góticos que proliferaram na Inglaterra na segunda metade do século XVIII e no começo do século XIX. Mais celebrado por seu conteúdo indianista e considerado um dos expoentes do Romantismo brasileiro, *O Guarani* parece tomar emprestado do romance inglês aspectos imagéticos e discursivos. A intertextualidade se

manifestaria especificamente na apropriação da retórica do sublime (efeito condutor do gótico) e na representação do antagonista (a noção de *lawlessness*), elementos que são aclimatados pelo autor para a realidade brasileira. O enfoque gótico se apresentaria no romance brasileiro em caráter periférico, pontuando uma tensão entre os ideais progressistas pretendidos por Alencar e a realidade de um Brasil largamente incivilizado em busca de sua identidade nacional pós-emancipação. Na construção da identidade brasileira pensada por Alencar, há a incorporação de alguns traços específicos do romance inglês ao mesmo tempo em que outros são rejeitados. O trabalho apresenta uma reflexão sobre os motivos góticos no *Guarani* e procura oferecer uma interpretação do significado de um "vilão gótico" no Brasil pré-republicano.

PALAVRAS-CHAVE: O Guarani, sublime, gótico, romance inglês do século XVIII, romance brasileiro do século XIX.

TRADUÇÃO DO DIALETO LITERÁRIO DE BURMA JONES, DA OBRA A CONFEDERACY OF DUNCES, DE JOHN KENNEDY TOOLE

KÁTIA REGINA VIGHY HANNA

CANDIDATA: Kátia Regina Vighy Hanna

PROGRAMA: Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês
Orientadora: Profa. Dra. Lenita maria Rimoli Esteves

TÍTULO: Tradução do dialeto literário de Burma Jones, da obra *A Confederacy of Dunces*, de John Kennedy Toole.

BANCA: Professores: John Multon (FFLCH) e Maria Viviane do Amaral Veras (UNIBERO)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo traduzir os diálogos do personagem Burma Jones, do romance *A Confederacy of Dunces*, de autoria do norte-americano John Kennedy Toole (1937-1969). A caracterização da fala do personagem remete-se ao inglês não-padrão *Black English Vernacular* (BEV), fato que levanta questões acerca dos

dialetos literários e da problemática de sua tradução. A obra de Toole é praticamente desconhecida dos brasileiros, senão por uma tradução restrita aos leitores do Círculo do Livro, feita por Cristina Boselli, na qual a fala de Jones não apresenta nenhum marcador dialetal, apenas registra um nível coloquial. Na introdução do trabalho, no Capítulo I, demonstro a relevância de se manter na tradução uma diferenciação entre os níveis de fala de cada personagem, em especial do negro Jones, ao examinar como o autor empregou a heterogeneidade lingüística a favor da caracterização dos personagens e da posição social que cada um ocupa na sociedade ficcional do livro. Estabelecida essa relação, considero, no Capítulo II, os dialetos literários em sua construção formal e nas implicações representativa, ideológica e humorística que re-

sultam da presença desse recurso na obra literária. Nessa análise, destaco momentos de nossa literatura em que personagens negros receberam tratamento diferenciado nos diálogos, a fim de verificar como tem sido a representação ficcional da fala dos negros na literatura brasileira. No Capítulo III, no que concerne à teoria da tradução, aproveito a questão da tradução dialetal para enfatizar a intervenção “violenta” do tradutor na produção de sentido estético, ideológico e político, processo

que se repete também na tradução em geral e sustenta-se nas teorias contemporâneas da tradução, em que os conceitos de “original” e “fidelidade” são questionados. Como conclusão, apresento a tradução comentada dos diálogos mais relevantes de Burma Jones.

PALAVRAS-CHAVES: literatura norte-americana; literatura brasileira; dialeto literário; tradução dialetal; John Kennedy Toole.

A ORALIDADE E A BUSCA DOS EFEITOS DE COMICIDADE EM MANOLITO GAFOTAS

RENATA GONÇALVES TAVANO

CANDIDATA: Renata Gonçalves Tavano

PROGRAMA: Língua Espanhola e Literaturas Espanholas e Hispano-Americanas

TÍTULO: “A oralidade e a busca dos efeitos de comicidade em Manolito Gafotas”

ORIENTADORA: Profa. Dra. Maria Zulma Mariondo Kulikowski

BANCA: Profs. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade (FFLCH) e Isabel Gretel Maria Eres Fernandez (FE-USP)

RESUMO

Apesar das diferenças existentes entre língua oral e língua escrita, ambas se inter-relacionam; por isso são vistas por estudiosos da linguagem, como Briz e Marcushi, entre outros, como um *continuum*.

Sabe-se que nessas duas modalidades encontram-se tanto o registro formal quanto o informal. Dessa forma, seria errôneo, por exemplo, dizer que língua coloquial é o mesmo que língua oral, embora se reconheça que a

coloquialidade está mais presente na modalidade falada que na modalidade escrita. Logo, de forma alguma a coloquialidade é exclusiva da oralidade.

Para se reconstruir um texto oral coloquial, portanto, é necessário não só lançar mão de um planejamento estilístico, como também empregar marcas próprias da oralidade e da coloquialidade, como expressões fixas, gírias, marcadores interacionais, entre outras.

A análise deste trabalho, por conseguinte, consiste em identificar e analisar tais marcas no *corpus*. Para comprovar a presença dessas marcas, além de facilitar sua visualização, elaboramos uma tabela

Outro elemento abordado nessa pesquisa, ainda que de forma incipiente, foi a questão da comicidade presente no *corpus*.

Assim, considerando a presença da oralidade/coloquialidade e da comicidade, este trabalho se propõe a verificar, a partir da análise da relação entre ambas, de que maneira a oralidade colabora para a produção do efeito de sentido cômico no texto.

O EVENTO DE 11 DE SETEMBRO NOS EUA E O DISCURSO DA INTERNET

SIDNEY DE CAMPOS

CANDIDATO: Sidney de Campos

TÍTULO: O evento de 11 de setembro nos EUA e o discurso da internet

ORIENTADOR: Professora Doutora Deusa Maria de Souza Pinheiro Passos

BANCA: Profs. Drs. Walkyria Maria Monte Mor (FFLCH); Maria José Rodrigues Faria Coracini (UNICAMP)

RESUMO

Este trabalho é uma análise do hipertexto veiculado pela Internet sob a ótica da Análise do Discurso e da Semântica Histórica da Enunciação. Temos como ponto de partida uma discussão sobre os aspectos do suporte digital de textos e as mudanças que podem causar no processo de construção do significado. O objetivo é estudar os movi-

mentos efetuados durante a navegação pela Internet e verificar se o processo de abertura e fechamento de páginas pode afetar a construção de sentidos.

O *corpus* foi coletado de um website jornalístico (CNN.com), o qual cobriu as primeiras horas posteriores ao ataque de 11 de setembro nos EUA. Esse ato inédito contra o território americano inspirou um grande volume de produção de textos, além de a Internet ter sua primeira chance de cobrir um evento dessa proporção. Assim, tanto o ataque quanto a cobertura dessa mídia podem ter gerado elementos novos que contribuíram para a forma-

ção de outros métodos de se escrever e ler a notícia. Em nossa análise, observamos elementos verbais e não-verbais, bem como a importância desses componentes que não apenas dão forma à identidade do hipertexto, mas também contribuem para o processo de apreensão de sentidos. A ativação desses elementos proporciona à Internet um sistema de operação intertextual que pode demonstrar algumas mudanças na maneira em que as informações são processadas por aqueles que as produzem e pelos outros que as lêem.

INGLÊS: DISCIPLINA-PROBLEMA NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO?

SUZI APARECIDA UECHI

CANDIDATA: Suzi Aparecida Uechi

ORIENTADORA: Walkyria Maria Monte Mór

PROGRAMA: Estudos Linguísticos e Literários em Inglês

TÍTULO: Inglês: Disciplina-Problema no Ensino Fundamental e Médio?

BANCA: Walkyria Maria Monte Mor, Lynn Mario Tridade Menezes de Souza e Leila Cristina de Mello Darin

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar cinco contextos de ensino de língua inglesa nos níveis fundamental e médio de escolas públicas e particulares. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter etnográfico que se realizou a partir de entrevistas com coordenadores, professores e monitores das escolas participantes deste estudo; de gravações de aulas feitas em áudio onde atuei como pesquisadora-observadora; de notas de campo e material coletado durante a pesquisa (trabalhos de alunos, material didático utilizado pelos professores, folhetos informativos sobre as escolas).

O estudo destes contextos revelou que língua inglesa é interpretada como **disciplina-problema** e, portanto, tende a receber um tratamento diferenciado por parte das escolas que procuram ministrar tal disciplina a partir do estabelecimento de formas alternativas de ensino: a par-

ceria entre um colégio particular de ensino fundamental e médio e uma escola de línguas, a criação de um Centro de Línguas próprio dentro de um colégio, a terceirização do ensino de inglês em um colégio de ensino fundamental e médio, a utilização de uma Disciplina-Projeto de inglês para o ensino médio em uma escola da rede pública e aulas de revisão para alunos do terceiro ano do ensino médio de escolas públicas visando o aprendizado de leitura. A partir do diagnóstico de inglês como **disciplina-problema**, houve a percepção de que há um embate entre o tradicional e o novo no ensino de inglês. Tal conflito reside no fato de que as escolas buscam inovações pedagógicas que as situem como mais adequadas e eficientes às propostas educacionais contemporâneas, porém, ao mesmo tempo, parecem sofrer abalos na sustentabilidade de seus próprios projetos devido às inevitáveis influências presentes nas sociedades pós-modernas: por exemplo, a atribuição de se "dominar" o idioma estrangeiro inglês como exigência para se tornar parte do mundo globalizado e de se conseguir um bom emprego no futuro.

Os dados deste estudo igualmente assinalaram a questão da mercantilização do ensino de inglês decorrente das demandas globais e em um grupo de comunidades educacionais locais onde, nos bastidores, inglês é percebido como **disciplina-problema**.

PRODUÇÃO DA FACULDADE



PRÁTICA DE LEITURA: sentido e intertextualidade

Emanuel Cardoso-Silva

O livro traz reflexões sobre as formas como o ensino da leitura vem sendo desenvolvido nas séries finais do Ensino Fundamental (5ª à 8ª séries), a partir de propostas encontradas em manuais didáticos, e sobre a produção da leitura, num enfoque intra e intertextual.

COMUNICAÇÃO JURÍDICA – Orientação completa para a correta redação de textos jurídicos

Hêndricas Nadólskis e Merleine Paula M. F. de Toledo

Sem sombra de dúvidas, o advogado é um profissional da palavra. Afinal, Justiça e palavra apresentam vínculos estreitíssimos. Por meio do manejo preciso e adequado do léxico, o profissional de Direito defende e acusa, contesta e persuade, convence com convicção... Para pessoas que desejam ingressar nas lides jurídicas, é fundamental reiterar que o sucesso na profissão equivale diretamente à sua habilidade e ao correto manuseio com as palavras. Nesse sentido, o livro *Comunicação Jurídica*, dos Professores Doutores da USP Hêndricas Nadólskis e Marleine Paula M. F. de Toledo, proporciona elucidativas aulas de redação e gramática em um contexto conhecido pelos que atuam ou irão atuar na área de Direito. Pode ainda auxiliar pessoas que tenham interesse em dominar as várias práticas redacionais e propiciar o aprofundamento gramatical



MILTON HATOUM – Itinerário para um certo Relato

Marleine Paula Marcondes e Ferreira de Toledo

Milton Hatoum: Itinerário para um certo Relato é um precioso ensaio sobre a obra do escritor amazonense. Ao analisar o livro, Relato de um Certo Oriente, a professora Marleine Paula Marcondes e Ferreira de Toledo revela o universo ficcional único deste que é um dos escritores mais importantes da literatura brasileira contemporânea.

Brasil: 1964-1968, A Ditadura já era Ditadura

Marcos Silva (org.)

“As ditaduras começam ditatorialmente.”

Embora essa afirmação possa parecer mais que óbvia, ela assume um caráter de desafio diante de muitos escritos recentes sobre a literatura brasileira de 1964/1985. Argumentos legitimadores de sua implantação (ataques pessoais e políticos a João Goulart, desqualificação dos movimentos sociais da época, defesa dos programas propostos pelos golpistas) voltaram a se fortalecer, nos últimos anos, em vastos setores da Imprensa e da Pesquisa Histórica. Contra a restauração das justificativas golpistas de ontem, este livro debate faces da ditadura nascente, explicando suas articulações autoritárias desde o ponto de partida, mesmo quando elegantemente (ou sofisticadamente) formuladas em nome da democracia.



INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP

N. 29 – setembro/2006

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – AÇÃO
PRÉDIO DA ADMINISTRAÇÃO – RUA DO LAGO, 717
CIDADE UNIVERSITÁRIA – CEP 05508-900
TELFAX: 3091-4612 – FONE: 3091-4938



O Comitê Editorial do Informe encontra-se à disposição para o recebimento de material. Artigos devem, preferencialmente, conter 50 linhas de 70 toques e outras matérias (notícias, eventos etc) no máximo 10 linhas. Tel/Fax (0XX11) 3091-4612 e e-mail: informe@usp.br